

Ana Paula Moreira Luz
Laura Cristina Lima Pinheiro
Maria Luzinalva de Moraes Pais
Marinir de Assunção Peixoto
Keila Pereira de Assis Goes
Sandra Mara Mendonça Maruyama

EDUCAÇÃO: O LABOR PEDAGÓGICO EM TEMPOS DESAFIADORES

1.^a Edição



ISBN- 978-65-84809-32-1

2022

Ana Paula Moreira Luz
Laura Cristina Lima Pinheiro
Maria Luzinalva de Moraes Pais
Marinir de Assunção Peixoto
Keila Pereira de Assis Goes
Sandra Mara Mendonça Maruyama

EDUCAÇÃO: O LABOR PEDAGÓGICO EM TEMPOS DESAFIADORES

1.^a Edição



ISBN- 978-65-84809-32-1

2022

1ª Edição

Ana Paula Moreira Luz
Laura Cristina Lima Pinheiro
Maria Luzinalva de Moraes Pais
Marinir de Assunção Peixoto
Keila Pereira de Assis Goes
Sandra Mara Mendonça Maruyama

**EDUCAÇÃO: O LABOR PEDAGÓGICO EM TEMPOS
DESAFIADORES**

ISBN- 978-65-84809-32-1



1ª Edição

Ana Paula Moreira Luz
Laura Cristina Lima Pinheiro
Maria Luzinalva de Moraes Pais
Marinir de Assunção Peixoto
Keila Pereira de Assis Goes
Sandra Mara Mendonça Maruyama

**EDUCAÇÃO: O LABOR PEDAGÓGICO EM TEMPOS
DESAFIADORES**

ISBN- 978-65-84809-32-1

SÃO PAULO
EDITORA ARCHE
2022

Copyright © dos autores e das autoras.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Internacional (CC BY-NC 4.0).



Revista REASE chancelada pela Editora Arche.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
([eDOC BRASIL](#), Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [livro eletrônico] : o labor pedagógico em tempos desafiadores / Ana Paula Moreira Luz... [et al.]. – São Paulo, SP: Arche, 2022. 120 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-32-1

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Luz, Ana Paula Moreira. II. Pinheiro, Laura Cristina Lima. III. Pais, Maria Luzinalva de Moraes. IV. Peixoto, Marínir de Assunção. V. Goes, Keila Pereira de Assis. VI. Maruyama, Sandra Mara Mendonça.

CDD 371.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

São Paulo- SP

Telefone: +55 (11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br>

contato@periodicorease.pro.br

1ª Edição - Copyright© 2022 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

Editora-Chefe Dra. Patrícia S. Ribeiro

Revisão Os autores

Projeto Gráfico Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista

Conselho Editorial Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

José Fajardo, Fundação Getúlio Vargas

Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

María Valeria Albardonado, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade clama aos indivíduos, uma nova dinâmica impetrada pelas relações pautadas no tempo digital, que submerge uma nova teia relacional entre os sujeitos com os seus pares, e os sujeitos com a realidade ao qual está inserido. No lide diário dos docentes, essa dinâmica se apresenta com tintas mais carregadas, visto que, a atualidade educacional expõe um hiato próprio da IV revolução industrial e tecnológica que tem impetrado dos educadores um engajamento, vislumbrado pelo ilustríssimo professor José Moran a partir da Educação do Futuro.

Essa perspectiva pedagógica no orbe da Educação 4.0 tem impetrado aos professores um cenário desafiador pautado na ‘multifacialidade’ do espaço digital que diante do tradicionalismo da educação formal cede o lugar histórico para uma aprendizagem centrada na experimentação. Assim, o ambiente que se desenhará apresenta um *lócus* educacional eminentemente acolhedor, de confiança e criativo para as experimentações das diversas realidades pelos indivíduos, sem perder de vista uma educação *omnilateral*.

Parafraseando, Mitchel Resnick, o fazer é uma das grandes ferramentas para o sentir, e dar significado a aprendizagem no futuro.

Ante apresentação, desejo uma profícua leitura para tod@s!

As autoras,

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	09
A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	
CAPÍTULO 2	34
OS BENEFÍCIOS QUE A LUDICIDADE TRAZ PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	
CAPÍTULO 3	51
A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM	
CAPÍTULO 4	80
A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
CAPÍTULO 5	91
EDUCAÇÃO INCLUSIVA – INSERIDA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
CAPÍTULO 6	105
A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO	
ÍNDICE REMISSIVO	117

CAPÍTULO 1

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Sandra Mara Mendonça Maruyama

RESUMO

A presente pesquisa tem como finalidade apresentar as contribuições da Psicopedagogia no processo de intervenção na instituição escolar, visando a aprendizagem das crianças na fase da alfabetização e letramento. Para o estudo foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a proposta da Psicopedagogia diante da aprendizagem humana e suas contribuições para intervir e prevenir os problemas de aprendizagem no contexto escolar. O problema elencado na pesquisa foi o de entender de que forma o psicopedagogo na instituição escolar pode contribuir com a aprendizagem das crianças durante o processo de alfabetização e letramento? O desenvolvimento do livro está dividido em três capítulos fundamentos nas ideias e propostas de vários teóricos que esclarecem o papel do psicopedagogo e sua ação psicopedagógica no contexto escolar, visando suas contribuições para garantir o sucesso do ensino-aprendizagem na fase da alfabetização e letramento. Por fim, o resultado da pesquisa, possibilitou a compreensão da importância do profissional no ambiente escolar, para mediar o trabalho dos professores e equipe pedagógica, garantindo um ensino de qualidade, principalmente na fase inicial da alfabetização e letramento, e conseqüentemente, prevenindo o insucesso da criança nos próximos anos.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Desenvolvimento ensino aprendizagem. Processo de Alfabetização e Letramento. Contexto escolar.

ABSTRACT

The present research aims to present the contributions of Psychopedagogy in the intervention process in the school institution, aiming at children's learning in the literacy and literacy phase. For the study, it was necessary to carry out a bibliographical research on the proposal of Psychopedagogy in the face of human learning and its contributions to intervene and prevent learning problems in the school context. The problem listed in the research was to understand how the psychopedagogue in the school institution can contribute to children's learning during the literacy and literacy process? The development of the article is divided into three chapters based on the ideas and proposals of several theorists that clarify the role of the psychopedagogue and its psychopedagogical action in the school context, aiming at its contributions to guarantee the success of teaching and learning in the literacy and literacy phase. Finally, the result of the research made it possible to understand the importance of the professional in the school environment, to mediate the work of teachers and pedagogical staff, ensuring quality teaching, especially in the initial phase of literacy and literacy, and consequently, preventing failure. of the child in the coming years.

Keywords: Psychopedagogy. Teaching-learning development. Literacy and Literacy Process. School context.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intenção analisar o processo e as concepções da leitura e escrita numa perspectiva psicopedagógica, assim como também, abordar as principais contribuições da Psicopedagogia no contexto escolar, enfatizando a sua importância para prevenir o insucesso das crianças na fase da alfabetização e letramento.

Sendo assim, é importante que o professor esteja devidamente capacitado e informado para fazer a detecção das dificuldades de aprendizagem, para que assim seja feita uma intervenção precoce, possibilitando dessa forma, uma melhor qualidade no seu trabalho e assim podendo ser feita uma intervenção eficiente que irá auxiliar os estudantes no seu processo de aprendizagem.

Dentro deste contexto, a psicopedagogia surge com o intuito de desmistificar a ideia de que o sujeito era tido como uma consequência fisiológica sem questionar a escola, onde o sujeito era produto de um erro da natureza, a psicopedagogia tem como objeto de estudo a aprendizagem.

Segundo Wallon, 1995, o sujeito é dotado de inteligências, e cada uma delas deve ser respeitada. Salienta o autor, que é de máxima importância reconhecer e estimular todas as variadas inteligências humanas e todas as combinações de inteligências, e é por esse motivo que somos todos diferentes.

Sabemos que a criança passa por uma série de desafios até que a aprendizagem da leitura e escrita se concretize, um dos desafios encarados pelos educadores atuais é a socialização com o outro e com o meio escolar, portanto a criança quando entra na escola, nem sempre está ‘pronta’ para

ser alfabetizada, pois a sua aprendizagem depende de vários fatores.

Para Lakomy, a maturação biológica, o conhecimento prévio, o desenvolvimento da linguagem, o processo de interação social e a descoberta da afetividade são fatores de grande relevância no processo de desenvolvimento da inteligência e, conseqüentemente, da aprendizagem (2008, p. 29).

São inúmeras as intervenções com as quais o psicopedagogo pode ajudar os alunos quando precisam, e muitas coisas podem atrapalhar uma criança na escola, sem que o professor perceba, e é o que ocorre com as maiorias das crianças com dificuldades de aprendizagens, e às vezes por motivos tão simples de serem resolvidos. Problemas familiares, com os professores, com os colegas de turma, no conteúdo escolar, e muitos outros que acabam por tornar a escola um lugar aversivo, e o que deveria ser um lugar prazeroso.

Dentro da escola, a experiência de intervenção junto ao professor, num processo de parceria, possibilita uma aprendizagem enriquecedora, principalmente se os professores forem especialistas em suas disciplinas. Não só a sua intervenção junto ao professor é positiva, também com a participação em reuniões de pais, esclarecendo o desenvolvimento dos seus filhos, em conselhos de classe com a avaliação no processo metodológico, na escola como um todo, acompanhando e sugerindo atividades, buscando estratégias e apoio necessário para cada criança com dificuldade.

Justificando portanto o trabalho do psicopedagogo bem como suas contribuições para a prevenção de problemas de aprendizagem no contexto escolar. Para Mery (1985) o trabalho do psicopedagogo é específico e

assume uma dupla polaridade de seu papel, realiza tarefas de pedagogo sem perder de vista os propósitos terapêuticos de sua ação psicopedagógica.

Sendo assim, torna-se necessário conhecer a Psicopedagogia e seus saberes no combate da não-aprendizagem no contexto escolar. A metodologia utilizada para desenvolver essa temática foi através de pesquisa bibliográfica, possibilitando a organização do livro em três capítulos:

1º CAPÍTULO: Aborda os fundamentos teóricos sobre o histórico da Psicopedagogia no Brasil.

2º CAPÍTULO: Relata a construção do conhecimento da criança, desde o nascimento, visando os aspectos necessários para ocorrer a aprendizagem.

3º CAPÍTULO: Descreve as contribuições do psicopedagogo no contexto escolar e suas formas de intervir e prevenir os problemas de aprendizagem na fase inicial da alfabetização e letramento.

Os capítulos apresentam assuntos que podem contribuir com os profissionais da área de Psicopedagogia, explicitando que para alcançar a efetiva aprendizagem deve-se ir além dos pré-requisitos necessários no processo de alfabetização e letramento.

I - HISTÓRIA DA PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL

A aprendizagem da leitura e escrita tem sido encarada pelos educadores atuais como um desafio de tão grande complexidade que merece atenção especial. Antigamente, poucas preocupações se tinham com este processo. Porém, nas últimas décadas este vem sendo um ponto chave para discussão.

Na atualidade, as crianças estão iniciando mais cedo a vida escolar. Aos 6 anos já estão envolvidos no processo de alfabetização. É nessa fase que elas passam a apresentar problemas de aprendizagem. Por isso, há professores por não saberem o porquê da não aprendizagem, encaminham a criança a um especialista em Psicopedagogia. O psicopedagogo pode estar cuidando desse problema, realizando um trabalho dentro da instituição.

De acordo com Visca (1987), a Psicopedagogia nasceu como uma ocupação empírica pela necessidade de atender as crianças com dificuldades na aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela medicina e psicologia. Neste sentido, percebe-se que a função do psicopedagogo é de intervir no processo de aprendizagem, buscando recursos necessários para que de fato, o sujeito assimile o conhecimento.

A partir de 1960, ocorreram no Brasil, mudanças no contexto político, social e econômico devido ao golpe militar e a ditadura. Grassi (2009) relata que nessa época, a carência cultural passou a ser mencionada como explicação do fracasso do aluno.

Na década de 70, Kiguel (In SCOZ *et al.*, 1991) explicita que as crianças que apresentavam distúrbios de aprendizagem, passaram a ter um rótulo de Disfunção Cerebral Mínima. Ou seja, mais uma vez apontam os

culpados da dificuldade de aprendizagem, mas sem solução para o problema, servindo apenas de justificativa àquela criança que não aprende. Dorneles (2009) diz que, as explicações sobre o fracasso escolar nesse tempo, negavam o pedagógico, por falarem de desnutrição, problemas neurológicos e problemas psicológicos.

De acordo com Bossa (2011, p. 78) “no início da década de 80, começa a se configurar uma teoria sociopolítica a respeito do fracasso escolar, e o problema de aprendizagem escolar passa a ser concebido como problema de ensinagem”. Neste sentido, o problema que antes era visto apenas no aluno, agora passou para a escola.

Nessa mesma década, surge a Psicopedagogia no Brasil, justamente para atender os sujeitos que apresentam problemas de aprendizagem, com a atuação da chamada “Psicopedagogia Curativa”, o termo Psicopedagogia curativa foi adotado pela psicopedagoga francesa Janine Mery, “[...] usado para caracterizar uma ação terapêutica que considera aspectos pedagógicos e psicológicos no tratamento de crianças que apresentam fracasso escolar”

Analisando o tempo histórico, a Psicopedagogia é um campo novo, que está aos poucos ganhando seu espaço e sendo reconhecida pela sociedade, se encontrando em fase de organização de um corpo teórico específico, visando a compreensão e a intervenção a favor da capacidade de aprender.

1.1 O objeto de estudo da psicopedagogia

Alguns estudiosos apontam a Psicopedagogia como uma solução para os problemas de aprendizagem, ou seja, para sanar o fracasso

escolar. Contudo, a Psicopedagogia busca entender o processo de aprendizagem para intervir e tratar os problemas apresentados pela criança.

Para Kiguel,

O objeto de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos - bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento (In SCOZ *et al.*, 1987, p.24).

Percebe-se que o trabalho psicopedagógico é muito amplo e complexo, o que exige do profissional muita competência e responsabilidade. Neves (1991), complementa que a Psicopedagogia, compreende o ato de aprender e ensinar, considerando a realidade vivida pelo educando, na construção do conhecimento.

A Psicopedagogia investe na elaboração de um instrumental próprio, buscando sua emancipação e com reforço de uma legislação mais precisa que garanta o seu exercício de forma mais plena e confiável (BOSSA, 2011). Portanto, a psicopedagogia vem colaborar com todos aqueles que têm dificuldades de aprendizagem, que reprovam, que não conseguem acompanhar os seus colegas e que muitas vezes são “deixados” para trás no processo de aprendizagem.

A não aprendizagem na escola é uma das causas do fracasso escolar, a psicopedagogia atua no estudo do processo de aprendizagem, diagnóstico e tratamento de seus obstáculos. O psicopedagogo torna-se responsável por detectar e tratar possíveis empecilhos no processo de aprendizagem em instituições ou clínicas.

Rubinstein, apud Fermino, 1996, p.128 coloca que:

O psicopedagogo é como um detetive que busca pistas, procurando selecioná-las, pois algumas podem ser falsas,

outras irrelevantes, mas a sua meta fundamentalmente é investigar todo o processo de aprendizagem levando em consideração a totalidade dos fatores nele envolvidos,[...].

É nessa investigação que o psicopedagogo necessita estar livre de qualquer influência prévia e (pré)-conceito, e principalmente saber selecionar tudo o que ouve e enxerga para poder intervir, e elaborar planos de trabalho no processo educativo.

II - A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

2.1 O Psicopedagogo e a Família do Educando

O aprendizado não é adquirido somente na escola, é construído pela criança em contato com o social, junto com sua família e no mundo que a cerca. A família é o primeiro vínculo com a criança e é responsável por grande parte de sua educação, e de sua aprendizagem, e por meio desta aprendizagem ela é inserida no mundo cultural, simbólico e começa a construir seus saberes.

Cabe ao psicopedagogo intervir junto à família das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, por meio de uma entrevista e de uma anamnese com essa família, para tomar conhecimento de informações sobre sua vida orgânica, cognitiva, social e emocional. Estar atentos no que a família pensa, seus anseios, seus objetivos e expectativas com relação ao desenvolvimento do filho é de grande importância para o psicopedagogo chegar a um diagnóstico.

É preciso observar que esta atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo de observação ou acompanhamento da evolução do sujeito.

Às vezes, quando o fracasso escolar não está associado às desordens neurológicas, a família tem grande participação nesse fracasso. Percebe-se nos problemas, lentidão de raciocínio, falta de atenção, e desinteresse. Esses aspectos precisam ser trabalhados para se obter melhor rendimento intelectual.

A intervenção psicopedagógica se propõe a incluir os pais no processo, através de reuniões, possibilitando o acompanhamento do

trabalho junto aos professores. Sendo assim os pais ocupam um novo espaço no contexto do trabalho, opinando e participando, e isto é de suma importância.

2.2 O Psicopedagogo e a Instituição Escolar

Diante do baixo desempenho acadêmico, as escolas estão cada vez mais preocupadas com os alunos que têm dificuldades de aprendizagem, neste contexto, o psicopedagogo institucional, como um profissional qualificado, está apto a trabalhar na área de educação, dando assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar para a melhoria das condições do processo ensino-aprendizagem, bem como para prevenção dos problemas de aprendizagem.

Os desafios que surgem para o psicopedagogo dentro da instituição escolar relacionam-se de modo significativo. A sua formação pessoal e profissional implica a configuração de uma identidade própria e singular que seja capaz de reunir qualidades, habilidades e competências de atuação na instituição escolar.

2.3 O papel do psicopedagogo no planejamento escolar

É importante que fique claro que, ao avaliar, o professor não deve prestaratenção somente no aluno e sim na aprendizagem como um todo, portanto não precisanecessariamente fazer uso somente de testes e provas.Neste contexto entra o psicopedagogo com seu papel voltado ao planejamento escolar que é refletir sobre as ações pedagógicas e suas interferências no processo de aprendizagem do aluno, bem como também

no processo de ensino do qual o professor utiliza em suas aulas.

Assim, pode-se dizer que o professor é o identificador dos processos de dificuldade de aprendizagem. Para a criança aprender bem a criança precisa ter os processos biológicos bem desenvolvidos. Os fatores que influenciam as dificuldades de aprendizagem são disfunção neurológica e disfunção neuropsiquiátrica. Cabe salientar que de acordo com OHLEILER (2006), “os transtornos de aprendizagem compreendem uma inabilidade específica, em indivíduos que apresentam resultados abaixo do esperado para seu nível de desenvolvimento”.

Os distúrbios de leitura e escrita que é possível diagnosticar a partir de 7 ou 8 anos, também podem gerar problemas de conduta em sala de aula, gerando baixa autoestima o que leva pode levar desencadear problemas de conduta em sala de aula.

Os distúrbios de leitura e escrita mais comum é a dislexia, que consiste na dificuldade com as palavras, A dislexia pode se apresentar como dilexiadisfônica: apresenta um prejuízo na fonética, ou seja, na rota fonológica. Reconhece a palavra como um todo, mas não consegue saber o som que cada letra tem separadamente, e a dislexia disidética: facilidade em compor som, mas não consegue ler o todo, mas decodifica. É um prejuízo na rota visual, apresentando dificuldade em processar símbolos gráficos e questões de leitura, e a dislexia mista ou aléxica: apresenta problema em reconhecer a palavra e decodificar. Não entende o som das palavras e letras.

A dislexia muitas vezes, é confundida com problemas de conduta em sala de aula pois ela, a criança é lenta e muitas vezes faz outras coisas

por não compreender os processos de leitura e escrita, e é tida como indisciplinada, desatenta, e muitas vezes, é confundida com déficit de atenção podendo levar a criança a depressão.

Os distúrbios na matemática também podem gerar problemas de conduta gerando desinteresse afetando, não só a leitura e a escrita, mas a aprendizagem em todos os campos do conhecimento. O TDAH podendo ser predominantemente desatento, predominantemente hiperativo e misto.

Assim, conforme vimos a afetividade está relacionada àquilo que o ser humano sente, ou seja, às suas emoções, que o levam então, a nutrir sentimentos positivos e negativos por algo e/ou alguém e a agir em relação a este alguém ou algo de acordo com seus sentimentos.

É importante ter claro que o aprendizado é um processo complexo, dinâmico, que resulta em modificações estruturais e funcionais permanentes do Sistema Nervoso Central, por isso necessita de atenção e um olhar atento e diferenciado para cada estudante.

Lakomy (2008) afirma que o aprendizado, na realidade, consiste em mudança relativamente persistente do indivíduo devido à experiência. Ainda, enfatiza que o indivíduo de modo particular, tem sua maneira de interpretar e tentar entender o que acontece no ambiente. A forma como a criança vai internalizar esse conhecimento depende do seu significado e da significância para sua vida.

Pensando desta forma, Piaget mais uma vez contribui criando a teoria construtivista, explorando nela como cada criança elabora seu processo de aquisição do conhecimento. Ele estudou o desenvolvimento cognitivo e define que o conhecimento humano ocorre conforme o

amadurecimento da criança, ou seja, dividido em etapas:

1. O primeiro estágio Sensorio motor, inicia nos primeiros dias de vida da criança- de 0 aos 2 anos - O recém-nascido possui reflexos básicos que são modificados com a maturação do sistema nervoso e a interação com o meio;
- 2.O segundo estágio, pré-operatório - 2 aos 7 anos - A criança desenvolve uma capacidade simbólica, ou seja, onde um objeto ou gesto podem representar algo distinto do que é percebido;
3. O terceiro estágio, operatório concreto - 7 aos 12 anos - a criança desenvolve a capacidade de pensar de maneira lógica;
- 4.O quarto estágio, operatório-formal - 12 anos em diante - passa a pensar de modo lógico, explorando o raciocínio dedutivo.

Segundo Piaget (1990), para desenvolvimento cognitivo, há quatro fatores responsáveis: o fator biológico, exercícios e experiências, as interações sociais e o equilíbrio das ações.

Neste sentido, o psicopedagogo deve estar atento a estes fatores que contribuem para o desenvolvimento da inteligência da criança, eneste caso, as estruturas mentais da criança são constituídas de forma que o conhecimento seja internalizado, ou seja, aprendido e apreendido.

Vygotsky aprimorou as ideias de Piaget em sua teoria sociointeracionistaressaltando a importância do ambiente externo. Para ele, os aspectos culturais no ambiente onde a criança se encontra, favorece a construção do conhecimento.Vygotsky destaca em sua teoria, a importância da mediação como instrumento no processo de aprendizagem. Para “o desenvolvimento das crianças se dá de fora para dentro, ou seja, a criança é cópia do meio externo e as características individuais dependem da

interação do ser humana com o meio físico e social” (OLIVEIRA, 1998, p. 26).

Para Oliveira (1998), no processo de aprendizagem da teoria de Vygotsky, a criança passa por três fases de desenvolvimento:

- Nível de desenvolvimento real - é o nível que a criança está;
- Nível de desenvolvimento potencial - é o nível que a criança pode alcançar com a ajuda de alguém;
- Nível de desenvolvimento proximal - é a distância que existe entre os dois níveis e que deve ser propiciado pelas escolas.

Isso quer dizer, que quando a criança tem alguém que oriente na aprendizagem, aos poucos ela será capaz de alcançar o resultado esperado.

Analisando os fatores que envolvem a aprendizagem, percebe-se que para a criança aprender depende da sua maturação biológica, ou seja, do seu desenvolvimento cognitivo de acordo com a sua idade cronológica. E para atingir desenvolvimento depende da interação e mediação do meio social.

Sendo assim, compreende-se que o desenvolvimento da criança nesse período pode contribuir na aprendizagem da leitura e escrita. Segundo Massi (2007, p.125) “deriva daí a ênfase dada à maturidade de mecanismos relacionados a atitudes ou capacidades entendidas como necessárias para que se aprenda a ler e escrever”.

Os pré-requisitos que a criança precisa ter para ser alfabetizada são:

- Organização espacial e temporal; Noções de lateralidade;
- Noções de esquema corporal; Discriminação e percepção visual;
- Discriminação e percepção auditiva;

- Memória imediata e memória de longo prazo;
- Praxias orofaciais;
- Movimentos manuais grossos e finos;Coordenação visomotora;

Ferreiro eTeberosky (1986 p. 45) confirmam que "o indivíduo aprende quando consegueaprender um conteúdo e formular uma representação pessoal de um objeto darealidade".

Percebe-se a importância do desenvolvimento da criança para iniciar o processo de alfabetização, pois é um conhecimento muito complexo que deve haver relação com o mundo letrado, para facilitar a assimilação dos símbolos e códigos gráficos.

Sendo assim, a criança vai construindo seu conhecimento de forma gradual que pode ser percebido pelas hipóteses durante o processo de aquisição da leitura e escrita.Neste sentido, a criança quando entra na escola deve-se verificar se ela está preparada para ser alfabetizada, considerando os pré-requisitos e o a forma como está sendo ensinada, se está sendo abordando assuntos do mundo da criança. Outro ponto é reconhecer que para chegar a alfabetização a criança apresentará hipóteses que deve ser analisado a cada passo, para proporcionar novas situações de aprendizagem e ir avançando cada vez mais ao longo do processo.

III - A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O desafio de alfabetizar e letrar na escola para Simonetti (2005) é o de conseguir que as crianças leiam e escrevam de forma espontânea, criativa, construtiva e que possam inserir-se no universo da cultura escrita. Uma criança em seu contexto escolar está sujeita ao domínio da leitura e escrita, visto que é através do processo de alfabetização que a criança ou o adulto analfabeto na escola passa a encarar as letras não como unidades isoladas, mas sim como uma parte de um todo.

Através do estudo de como a criança adquire o conhecimento compreende-se que existem diversos fatores para que aconteça a alfabetização, ou seja, na concepção psicopedagógica estão os "[...] aspectos orgânicos, físicos, psicológicos, cognitivos, psicomotores, econômicos, sociais, culturais, políticos, escolares, familiares, históricos, entre outros" (GRASSI, 2009, p.137).

Neste sentido, a psicopedagogia na instituição escolar pode contribuir desenvolvendo estes aspectos realizando um trabalho junto aos professores para evitar o atraso na alfabetização, ou seja, de prevenção.

Segundo Bossa (2011) a prática preventiva do psicopedagogo na instituição escolar se baseia na observação e análise profunda de uma situação concreta. Para Mery (1985) o trabalho do psicopedagogo é específico e, no seu ponto de vista, assume uma dupla polaridade de seu papel, realiza tarefas de pedagogo sem perder de vista os propósitos terapêuticos de sua ação psicopedagógica.

Compreende-se que é fundamental a presença do psicopedagogo na

instituição escolar, por barrar os problemas de aprendizagem que vem muitas vezes por consequência de fatores externos, ou seja, problemas que se encontram fora da escola, no contexto familiar e social, o psicopedagogo deve oportunizar situações que envolvam a ativa participação dos professores na descoberta de como se aprende, para que haja na prática dinamismo e a ação da criança na construção do conhecimento.

Neste sentido, também percebe-se que a presença do psicopedagogo pode evitar uma prática inadequada do ensino-aprendizagem, proporcionando aos professores saberes necessários com o objetivo de promover a aprendizagem das crianças principalmente na fase da alfabetização.

A ligação do que é aprendido na escola com a realidade da criança, ou seja, o conhecimento prévio, além de facilitar a assimilação dos conteúdos, propicia o conhecimento do mundo.

De acordo com Soares:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo alfabetizado e letrado. (1998, p.47).

Por isso, percebe-se que o psicopedagogo pode realizar um trabalho preventivo, visando a prática do professor durante o processo de alfabetização das crianças, pois deve ir além da codificação e decodificação de palavras, formar crianças letradas, que saibam usar a leitura e a escrita fora da escola. Por isso, vale ressaltar que cada criança tem o processo de desenvolvimento diferente uma da outra e o psicopedagogo deve estar atento

a isso, estando atento a qualquer situação dentro do contexto escolar, buscand novas formas de aprimorar o ensino, fornecendo subsídios à equipe educativa parao melhor andamento da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicopedagogia por ser um campo novo, muitos ainda não sabem o quanto pode contribuir com a aprendizagem de crianças na fase da alfabetização e letramento nos dias de hoje realizando um trabalho preventivo e evitando o insucesso escolar.

Evidentemente, o aprendizado do aluno deve estar sempre voltado para um fim significativo e promissor. Desta forma o desafio da Psicopedagogia no processo de ensino-aprendizagem, em especial no campo da leitura e da escrita, tem sido o de encarar com naturalidade os problemas enfrentados na escola com crianças com dificuldades de desenvolvimento cognitivo e lidar com problemas psicológicos que antes era considerado um desafio bem maior e em muitos casos, sem saída para o educador.

Em síntese entende-se que a Psicopedagogia, surgiu justamente para prevenir e tratar os problemas de aprendizagem. Por isso, necessita conhecer seu objeto de estudo, ou seja, a aprendizagem humana, para saber compreender os aspectos que influenciam e ocasionam a não-aprendizagem. É importante ter sempre presente a ideia de que a intervenção precoce é a primeira estratégia de inclusão.

É possível concluir pelo presente estudo, que aprendizagem é um processo complexo e evolutivo, constante que implica numa sequência de modificações observáveis e reais no comportamento do indivíduo físico e biológico e no meio que o rodeia. A interação entre professor e aluno é fundamental para detectar problemas e avanços na aprendizagem.

É por este motivo que o psicopedagogo deve estar presente na escola para não deixar acontecer práticas educativas errôneas, que inibem a aprendizagem da criança, principalmente na alfabetização, pois é a base para os próximos anos escolares. O trabalho psicopedagógico preventivo serve para isso, prevenir para que quando a criança for para o próximo ano, não comece a apresentar problemas decorrentes dos erros do passado.

REFERÊNCIAS

- BALESTRA, M. M. M. **A Psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade.** Curitiba: Ibplex, 2007.
- BOSSA, Nádia. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 4. ed. Rio de Janeiro: WakEditorial, 2011.
- DORNELES, B. V. **Uma breve discussão sobre o normal e o patológico no processo de aprendizagem.** In: *Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia*, ano 9, n.20, dez. de 2009.
- FAGALI, Eloísa Quadros. **Diagnóstico Pedagógico.** São Paulo: Interação – Núcleo Psicopedagógico, 2008. 4 v.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese a língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas 1986.
- GRASSI, T. M. **Psicopedagogia: um olhar uma escuta.** Curitiba: Ibplex 2009.
- KIGUEL, S. M. Abordagem psicopedagógica da aprendizagem. In: SCOZ, Beatriz Judith Lima *et. al.* **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LAKOMY, A. M. **Psicopedagogia: teorias cognitivas da aprendizagem.** Curitiba: Ibplex. 2008.
- MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. de A. (Org.) **Henri Wallon: psicologia e educação.** 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- MASSI, G. A. **A dislexia em questão.** São Paulo: Lexus, 2007.
- MERY, J. **Pedagogia curativa escolar e psicanálise.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

OLIVEIRA, M. K. de. **Pensamentos e ação no magistério: Vygotsky, aprendizagem e desenvolvimento, um processo sócio-histórico.** 4 ed., São Paulo: Scipione, 1998.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PIAGET, J. & INHALDER, B. **A psicologia da criança.** Ed. 11. - Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S/A, 1990.

ROTTA, Newra Tellechea, OHLWEILER, Lygia e RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da Aprendizagem: abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

RUBINSTEIN, Edith. **A especificidade do diagnóstico psicopedagógico.** In: SISTO, Fermino. 1996.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar.** 13ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SOARES, Magda. **O que é letramento e alfabetização.** In: _____. *Letramento: um tema em três gêneros.* Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SIMONETTI, Amália [et. al.]. **O Desafio de Alfabetizar e Letrar.** Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

TEBEROSKY, Ana & COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica – Epistemologia Convergente,** Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Org. COLE Michel. 7 ed. São Paulo: Martins, 2007.

WEISS, Donald H. **Motivação e resultados: como obter o melhor de sua equipe.** 4ª ed. São Paulo: Nobel, 1991.

CAPÍTULO 2

OS BENEFÍCIOS QUE A LUDICIDADE TRAZ PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Marinir de Assunção Peixoto

RESUMO

Considerada uma das mais importantes etapas da formação das crianças, a Educação Infantil marca a inserção da criança em sociedade. Vista como o ponto de partida para o início da trajetória escolar no sistema educacional do nosso país. Lidar com esse novo mundo e com as novas descobertas, longe do seio familiar, do ambiente em que se está familiarizado por diversas vezes não é tão simples para uma criança com tão pouca idade. As capacidades de se adaptar e de lidar com as diferenças de conhecer a si mesmo, de criar laços de amizade e de realizar descobertas em diferentes campos de experiência são os desafios dessa imersão na educação básica. De fato, a infância nos remete uma fase da vida em que impera a inocência, a simplicidade e a imaginação. Reina a criatividade e a liberdade de se expressar na fala, na escrita e na interação com o meio social. O brincar para a BNCC é considerado um direito da criança, além de um recurso de aprendizagem. Para que seja eficaz, o brincar deve ser trabalhado de forma intencional e organizada pelo professor que além de ensinar, diverte, tornando o processo de construção do conhecimento muito mais assertivo e divertido. Nesse âmbito, surge o conceito do trabalho com o lúdico. Através das brincadeiras, é possível observar a participação e o desenvolvimento físico, emocional e mental da criança. Nota-se que a criança ao brincar tem que ter seu momento de criação sozinha e em grupos e assim reconhecerá sua própria identidade. Buscou-se através de pesquisas bibliográficas de livros e trabalhos científicos, além de referenciais curriculares nacionais, explicitar neste breve livro a relevância da ludicidade na Educação Infantil.

Palavras-chave: lúdico. Ludicidade. Educação. Infantil. Criança. Experiência. Aprendizagem. Brincar.

ABSTRACT

Considered one of the most important stages in the formation of children, Early Childhood Education marks the insertion of the child in society. Seen as the starting point for the beginning of the school trajectory in our country's educational system. Dealing with this new world and new discoveries, away from the family, from the environment in which one is familiar many times is not so simple for a child at such a young age. The ability to adapt and deal with differences, to know oneself, to create bonds of friendship and to make discoveries in different fields of experience are the challenges of this immersion in basic education. In fact, childhood reminds us of a phase of life in which innocence, simplicity and imagination prevail. Creativity and freedom to express oneself in speech, writing and interaction with the social environment reigns. Playing for the BNCC is considered a child's right, as well as a learning resource. In order to be effective, play must be worked intentionally and organized by the teacher who, in addition to teaching, entertains, making the process of building knowledge much more assertive and fun. In this context, the concept of working with the playful arises. Through play, it is possible to observe the child's participation and physical, emotional and mental development. It is noted that the child when playing has to have its moment of creation alone and in groups and thus will recognize its own identity. Through bibliographic research of books and scientific works, in addition to national curricular references, we sought to explain in this brief article the relevance of playfulness in Early Childhood Education.

Keywords: Playful. Playfulness. Education. Children. Child. Experience. Learning. Playing.

1. INTRODUÇÃO

Toda criança possui capacidades afetivas, emocionais e cognitivas que são estimuladas e desenvolvidas com o passar dos anos. Desde o seu nascimento, passa por vários ciclos de descobertas, ou seja, adquire novos conhecimentos no contato com os que a rodeiam e pelo meio em que está inserida.

O acesso à educação infantil é um direito assegurado por lei a todas as crianças do nosso país. Os ambientes escolares no que lhe concerne, são cada vez mais preparados em termos estruturais, físicos e educacionais para atender as demandas desse público que evolui na velocidade da luz.

Sabe que é papel da escola ampliar as possibilidades aprendizagens das crianças, direcionando de maneira intencional as atividades, brincadeiras e experiências. Com base nas disposições da BNCC, toda criança apresenta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, são eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se.

“Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação.

”(BNCC, 2018, p. 36)

“Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais. Além disso, a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade.” (BNCC, 2018, p. 36)

A Lei de Diretrizes Básicas (LDB) (Art. 29) cita que a educação Infantil objetiva: I - Proporcionar condições para o desenvolvimento físico, psicológico e intelectual da criança, em complementação à ação da família: II - Promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos estimulando seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade.

No cenário em que vivemos hoje com o modo de vida turbulento por conta das responsabilidades dos pais, sobrou pouco espaço destinado às velhas brincadeiras da infância. Consequentemente, as crianças expostas ficam mais vulneráveis e expostas por longos períodos no computador, no celular ou na televisão, deixando de correr e brincar ao ar livre.

1.1 Metodologia

O presente livro é proveniente de estudos bibliográficos, cujos objetos de análise foram as normas e diretrizes que regulamentam a Educação Infantil no Brasil como a BNCC.

Para atender os objetivos da pesquisa, optou-se pela realização de prévio levantamento bibliográfico em diversas fontes para o embasamento teórico. Cabe informar que não se faz necessário nesse caso a aplicação de questionários ou de uma pesquisa quantitativa.

De acordo com Gil (1999), o estudo de caso requer a condução de uma revisão de literatura. Esse passo faz possível estabelecer um modelo teórico referencial inicial, o qual ajudará na determinação das variáveis e na preparação de um plano geral de pesquisa.

1.2 Os benefícios da Ludicidade

De onde surgiu essa palavra tão falada pelos educadores e tão presente nas salas de aulas de crianças em séries iniciais. Ludicidade originou-se da palavra latina “ludus”, que significa jogo ou brincar. Em poucas palavras, o dicionário Michaelis define como um termo relativo as brincadeiras e divertimentos, como instrumento educativo.

O conceito de lúdico é utilizado para se referir a jogos, brincadeiras e qualquer exercício que trabalhe a imaginação e a fantasia. Cabe explicar que o trabalho com o lúdico no ambiente educacional é um instrumento relevante para o processo de ensino- aprendizagem em qualquer nível de formação, porém, é notado com maior frequência somente nas atividades da Educação Infantil.

Frente ao exposto, sem dúvidas na infância a forma como a criança vê, interpreta, conhece o seu meio social e obtêm as suas percepções de mundo ocorre de forma lúdica.

Neste sentido, as crianças podem esconder as suas dores e angústias nas brincadeiras mesmo que inconscientemente. Entende-se como uma liberdade consentida ao ser humano na infância. Um desenho pode muitas vezes apontar fatos ocultos e não relacionados ao ambiente criativo como uma forma de “grito” para relatar casos de abuso sexual.

Sob a ótica dos grandes educadores, cita-se a relevância dos estudos

de Froebel, o intitulado “pai do jardim de infância” para o reforço positivo da ludicidade. Suas percepções sempre bem apuradas, reforçavam a importância dos jogos para o desenvolvimento da criança.

Conhecido como um grande defensor do uso pedagógico de jogos e brinquedos de forma direcionada e não meramente como uma forma de distração ou diversão, comprovou seus argumentos por meio dos resultados das suas pesquisas. Afirmava que o comportamento da criança poderia ser analisado, desde que a criança fosse deixada livre para se expressar. Suas aulas continham sempre muitas músicas e eram acompanhadas de versos e de dança.

Montessori também alertou para a importância do lúdico na educação. Segundo as suas percepções, a criança tem condições de desenvolver suas potencialidades sem a ajuda dos adultos desde que sejam estimuladas, e não cobradas. Nas salas de aula, o material é distribuído no espaço de acordo com a proposta de ensino-aprendizagem, onde se destacam os eixos propostos por Montessori: vida prática, psicomotricidade, vida sensorial e um canto para leitura.

Determinar um lugar específico para cada ‘coisa auxilia que as crianças reconheçam o ambiente e criem uma relação de segurança e serenidade quanto ao espaço que convivem.

Vygotsky no que lhe concerne, defende a tese de que nas brincadeiras, as crianças podem realizar seus desejos imediatos e que talvez sejam não são realizáveis. Afirmar ainda que o lúdico influencia muito a capacidade de agir, de estimular a curiosidade favorece a iniciativa e a autoconfiança, além de facilitar o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração. O acesso à educação infantil é um direito assegurado por lei a todas as crianças do nosso país. Os ambientes escolares no que lhe concerne,

são cada vez mais preparados em termos estruturais, físicos e educacionais para atender as demandas desse público que evolui na velocidade da luz. Já Piaget afirma que a atividade lúdica é o “berço” obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa. Pode-se dizer que o lúdico também está vinculado a capacidade de associar as imagens para instrumentalizar a criança, visando a construção do conhecimento e sua socialização. Contos, lendas e um acervo de brincadeiras constituem, nesse contexto, um rico banco de dados de imagens culturais. Aponta também que há três sucessivos sistemas de jogo: de exercício, simbólico e o de regras.

De fato, há um consenso de que o lúdico é fator determinante na aprendizagem da criança. Ao trabalhar a ludicidade pode-se criar um ambiente gratificante, atraente e estimulante como as brinquedotecas - por exemplo, recursos como os jogos educativos e os brinquedos pedagógicos.

Trabalhar a ludicidade predispõe o respeito a livre interpretação da criança sobre o mundo e o lugar que ela ocupa nele. É dever do educador cocriar um ambiente ou uma atmosfera em que a criatividade, a curiosidade e a ânsia de aprender discorram de forma leve, divertida e sem pressões ou avaliações.

A BNCC vincula o brincar e o educar, visando ampliar as experiências, conhecimentos e habilidades das crianças. Nesse sentido, a BNCC (2017) apresenta 6 (seis) “Direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil”. São eles:

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

A BNCC também estabelece 5 Campos de Experiência fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Dentro dos Campos encontramos objetivos de aprendizagem que são divididos em três grupos etários (bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas). Eles são: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações. Este último foi a base para construção do projeto de pesquisa elaborado. O Campo de Experiência “Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações” irá contribuir no processo ensino-aprendizagem, possibilitando diversas relações de conhecimentos e relações com os diversos saberes.

2. ATIVIDADES LÚDICAS EM PRÁTICA NA SALA DE AULA

As atividades lúdicas estão presentes no dia a dia das crianças seja no ambiente escolar nas brinquedotecas, salas de leitura ou até fora da sala de aula no seio familiar - na brincadeira de faz de conta, na cantiga de roda ou na canção de ninar.

Escolher qual a atividade mais adequada para cada tipo de aprendizagem não deve ser um problema ao educador. Dada a possibilidade de mesclar ou fazer combinações para que os resultados pedagógicos sejam mais assertivos e produtivos.

Trabalhar a ludicidade pode ser resumida como forma prazerosa de aprendizagem e de favorecer o autoconhecimento. Dessa forma, a criança aprende sem o peso emocional de saber que está sendo avaliada. Não é uma tarefa árdua, relacionar as atividades mais comuns ou frequentemente utilizadas em sala de aula.

Inicialmente cabe citar o uso da pintura por se tratar de uma experiência enriquecedora e diversificada. Uma vez que a criança consegue desenvolver tanto a coordenação motora quanto a criatividade. Pode-se destacar ainda nessa ação a variedade de materiais diferentes que podem ser utilizados (tintas, texturas e cores), permitindo que essa atividade não seja cansativa ou até mesmo nunca, seja repetitiva.

Trabalhos manuais como rabiscar, amassar, rasgar, ou desenhar também estimulam a coordenação motora fina e desenvolvem a concentração. Brincar com massa de modelar ajuda no desenvolvimento intelectual, gerando maior capacidade criativa.

Trabalhar os papéis sociais como as profissões, por exemplo, favorecem a imaginação, a criatividade e a socialização. Um teatro de

fantoches com contação de histórias estimula a construção da identidade de cada criança em que ela experimenta diversos personagens, com emoções e vidas diferentes. Os bonecos, inclusive, são uma válvula de escape para o que cada um pode estar sentindo naquele momento.

As atividades ao ar livre permitem a criança correr, pular, subir, descer - contribuem com o desenvolvimento do equilíbrio e na coordenação motora. Para o desenvolvimento cognitivo das crianças deve-se trabalhar como atividades que estimulem o raciocínio lógico e estratégico como o jogo da memória, esconde-esconde, amarelinha e queimada.

As atividades em grupo são essenciais não só para promover a socialização, mas sim para favorecer uma competitividade saudável. As atividades lúdicas para educação infantil que promovem corridas e movimentos do corpo trazem mais agilidade e condicionamento físico para os pequenos. Bem como as brincadeiras de corda, pega-pega, circuitos, gincanas, esportes e dança são atividades que trabalham a expressão corporal, o senso de espaço e as noções de tempo.

Por fim não menos importante que as demais atividades está a musicalidade. É evidente que existe uma forte interação entre as crianças e as práticas pedagógicas envolvendo músicas. As crianças manifestam prazer ao cantar, pular, dançar, enfim, movimentar-se. Todas essas ações estão relacionadas à expressão corporal, à oralidade e ao desenvolvimento cognitivo.

2.1 O legado da ludicidade

Não há controvérsias ao afirmar que as atividades lúdicas possibilitam a incorporação de valores, o autoconhecimento, o desenvolvimento das emoções, a assimilação de novos conhecimentos. Além disso,, favorecem a

sociabilidade e estimulam o senso crítico, moral e o potencial criativo. Possibilita a criança vislumbra um equilíbrio entre o real e o imaginário, sem deixar de encantadora, descontraída e prazerosa .

Esse processo de aprendizagem iniciam-se logo cedo desde os primeiros momentos de vida, as descobertas não tardam. A exploração do próprio corpo é uma das primeiras ferramentas para o entretenimento e aprendizado do bebê. Nesse momento também ocorre o desenvolvimento dos cinco sentidos: visão, olfato, audição, tato e paladar.

Aprender de forma divertida proporciona à criança a possibilidade de construir a sua imaginação e, progressivamente, aprender a distinguir o real do imaginário. Os benefícios da ludicidade não estão restritos apenas ao ambiente escolar. Mas, são capazes de influenciar o sujeito ao longo da vida adulta nas relações sociais, profissionais, amorosas e familiares.

Estudos comprovam e atestam inúmeros benefícios na vida adulta como:

- Respeito as regras e limites;
- Capacidade de compartilhar sensações e emoções, reduzindo o risco de doenças como a depressão, por exemplo;
- Respeito as normas cívicas e morais;
- Ser mais integrador e livre de pré- conceitos;
- Facilidade em trabalhar em grupo e na resolução de conflitos;
- Facilidade em se relacionar;
- Senso de cooperação;
- Comprometimento com o aprender;

- Capacidade de lidar com a frustração e aprender relações simples de causa e efeito;
- Aprender que é necessário tempo para realizar e completar uma tarefa ou chegar a um resultado desejado;
- Habilidade de se comunicar, questionar, interagir com os outros;
- Habilidade de ser uma pessoa mais flexível, tolerante e autodisciplinado;
- Habilidade para trabalhos manuais;

CONCLUSÃO

Em resumo pode-se dizer que a ludicidade é uma experiência na qual a criança passa por um profundo processo de conhecimento de si mesmo e do outro. Essa etapa de desenvolvimento, ou em outras palavras, de autoconhecimento propicia inúmeros momentos de percepção, de expressividade, de fantasia, de imaginação e de choque com a realidade. Sem se esquecer de falar da resignificação que compreende trazer um novo sentido as memórias guardadas no subconsciente.

O importante para a atividade lúdica é o momento vivido e a ação em si. Para utilizar a ludicidade, além do embasamento teórico, são fundamentais a sensibilidade e uma postura interna afetiva.

As principais propostas pedagógicas da educação básica brasileira contemplam a ludicidade como parte da sua metodologia. A educação infantil é a primeira etapa escolar das crianças. Por isso, é importante que esse momento possa estimular o desenvolvimento global das crianças.

O conhecimento deve ser extrapolar as paredes físicas do ambiente escolar para se transformar em uma ferramenta importante para a proximidade entre a escola e a família. Ambos em prol de uma educação mais justa, mais forte e da formação de futuros jovens mais conscientes de si mesmo e do espaço do outro. Logo serão adultos mais sadios, felizes e realizados.

As atividades lúdicas podem ser para muitos ainda uma brincadeira ou um jogo sem valor, ou com sentido apenas de interação. O que realmente faz a diferença na aplicação desse tipo de atividade é a forma como é dirigida e como é vivenciada, e o porquê de estar sendo realizada. Participar de atividades lúdicas faz com que a criança tome consciência e adquira novos

conhecimentos, desenvolva habilidades e o interesse pela busca de novos aprendizados.

Quanto ao educador cabe a análise e a observação de cada crianças nas brincadeiras, para que possa identificar ou reconhecer quais as reais necessidades, ânsias e desejos. Buscando novas formas de aprender e ensinar. É importante salientar que a sensação de liberdade deve ser latente, não se deve reprimir ou desestimular o aluno.

O respeito ao próximo e as regras, de convivência, a criança desenvolverá e aprenderá literalmente brincando e experimentando. Brincar também interfere na saúde física e é uma real necessidade. As crianças que brincam e se divertem, em um perfil de hipótese têm uma tendência menor de se tornar pessoas sedentárias e ansiosas.

REFERÊNCIAS

Infância. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/infancia/>. (Acesso em 01 de novembro de 2021).

Educação Infantil. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/etapa-de-formacao-e-series/educacao-infantil>. (Acesso em 01 de novembro de 2021).

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos.** São Paulo: Loyola, 1974.

HOFMANN, Angela Ariadne et al. **O lúdico na prática pedagógica.** Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) - Curitiba, 2009. 219p.

ANTUNES, C. **Educação Infantil: prioridade imprescindível.** Petrópolis: Vozes, 2004.

A importância da ludicidade na Educação Infantil. Disponível em: <http://calafiori.edu.br/wpcontent/uploads/2018/04/AIMPORT%C3%82NCIADALUDICIDADENAEDUCA%C3%87%C3%83OINFANTIL.pdf>. (Acesso em 01 de novembro de 2021).

O lugar do lúdico na Educação Infantil. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-depraticas/aprofundamentos/198olugardoludiconaeducacaoinfantil>. (Acesso em 01 de novembro de 2021).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC.** Versão Final. Brasília, DF, 2017. V ERGNHANINI, N. S., **QUERO BRINCAR: a brincadeira de faz-de-conta e o desenvolvimento infantil.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, São Paulo.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento - Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes lúdico. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil.** São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível

em <<https://www.educabrasil.com.br/ludico/>>. (Acesso em 31 de outubro de 2021).

A importância da ludicidade na Educação Infantil. Disponível em: <http://www.editedoraopet.com.br/blog/a-importancia-da-ludicidade-na-educacao-infantil/>. (Acesso em 31 de outubro de 2021).

Os benefícios de brincar para o desenvolvimento socio intelectual da criança. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4246/1/KJS26032014.pdf>. (Acesso em 31 de outubro de 2021).

KRAMER, Sônia. Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. 14^a ed. São Paulo: Ática, 2006.

MACEDO, L. de. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: Editora Artmed, 2015.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n 9394/1996. Brasília: MEC, 1996.

OLIVEIRA, M. K. Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2013.

VERGNHANINI, N. S., Quero brincar: a brincadeira de faz-de-conta e o desenvolvimento infantil. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, São Paulo.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes 1998.

BNCC na prática: como garantir o direito de brincar na Educação Infantil. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/18076/bncc-na-pratica-comogarantirodireitdebrincarnaeducacaoainfantil?gclid=CjwKCAiAnO2MBhApEiwA8q0HYeHK4h7Z8Gsrp7mfRWpfbijeC8CoRt0QZ_YTQh_QmnccQrIOfa3hoCV6EQAvD_BwE. (Acesso em 30 de outubro de 2021).

CAPÍTULO 3

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Keila Pereira de Assis Goes

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relevância da afetividade no processo de ensino/aprendizagem entre professor/aluno e também nas relações pedagógicas. Pontuando para o fato de que a afetividade pode determinar o sucesso de uma criança tanto na escola como em sua vida futura. Este trabalho traz uma reflexão na questão sobre afetividade, ou seja, quando o professor se torna o principal mediador dessa afetividade em sala de aula propiciando a aprendizagem, podendo melhorar o convívio do aluno com o professor, permitindo um relacionamento de amizade e respeito. Desenvolvendo de certa forma o seu próprio progresso físico, psíquico, espiritual e moral. Para realização de trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica, fundamentada na reflexão de leitura de livros, artigos, revistas e sites bem como pesquisa de grandes autores, onde a fundamentação teórica se argumenta nos autores Wallon, Cunha, Saltini, Vygotsky, Cury. São autores que mostram que a afetividade além de mediar o aprendizado torna possível melhorar as relações interpessoais, fortalecendo laços de amizade, permitindo existir o respeito, solidariedade, generosidade, confiança e amor.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino. Desenvolvimento. Professor/Aluno.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the relevance of affectivity in the teaching/learning process between teacher/student and also in pedagogical relationships. Pointing to the fact that affectivity can determine a child's success both in school and in his future life. This work brings a reflection on the issue of affectivity, that is, when the teacher becomes the main mediator of this affectivity in the classroom, providing learning, and being able to improve the student's interaction with the teacher, allowing a relationship of friendship and respect. Developing in a way their own physical, psychic, spiritual and moral progress. To carry out the work, we used bibliographic research, based on the reflection of reading books, articles, magazines and websites as well as research by great authors, where the theoretical foundation is argued in the authors Wallon, Cunha, Saltini, Vygotsky, Cury. They are authors who show that affectivity, in addition to mediating learning, makes it possible to improve interpersonal relationships, strengthening bonds of friendship, allowing respect, solidarity, generosity, trust and love to exist.

Keywords: Affectivity. Teaching. Development. Teacher Student.

1. INTRODUÇÃO

A afetividade há alguns anos vem sendo alvo de estudos e defendida por teóricos educacionais, psicopedagogos, psicólogos, e profissionais da educação em geral. Muitas vezes a importância da afetividade na educação infantil é ignorada, não levando em conta que é na Educação Infantil que a criança adquire suas primeiras experiências sócias cultural, que levarão pra sua vida futura.

A afetividade age como um mecanismo que facilita o processo ensino aprendizagem em que a relação professor/aluno gera empatia. Isso incita o professor ser estimulado a desenvolver uma prática pedagógica mais focada no aluno vendo-o como um ser carente e necessitado de afeto e que isso pode sim afetar seu desenvolvimento escolar.

A escolha desse tema abrange como linha de pesquisa: Docência na Educação Infantil ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Vivenciando uma rotina de vida dos alunos durante o período de Estágio numa escola pública em um bairro desprovido de assistência, foi percebido que os conflitos familiares, morais, influenciam de forma inflexível na construção de valores desses alunos. Observando esse comportamento como estagiário, vê-se que é possível que o professor possa detectar claramente que esses conflitos têm interferência no processo cognitivo do aluno. Esses conflitos causam desânimos nos estudos. Nota-se certa agressividade diferenciada ao período de desenvolvimento em que a criança se encontra, traumas sentimentais que comprometem de maneira significativa a aprendizagem. De acordo com Wallon (1968), a pessoa recebe os estímulos necessários para sua atividade a partir do meio, de tal modo pertencendo a um grupo social, no qual interage com outras pessoas, levando-a, assim, a mudanças em seu

desenvolvimento.

Diante disso, surge a necessidade do professor se posicionar diante dessa situação compreendendo a necessidade de oferecer afeto, entendendo que o afetivo exerce influência no cognitivo. A afetividade expressas por meio da emoção, funções bastante definidas que permitem o desenvolvimento do indivíduo.

Um dos desafios do Professor na área de Educação Infantil é transformar a sala de aula em um ambiente harmonioso e acolhedor, pois é nesse ambiente de novas experiências de relações sociais que o indivíduo começa a construir atitudes, valores e conceitos. A partir dessa visão e disposição em aceitar esse desafio, que surgiu o desejo de trabalhar com essa temática.

Este trabalho tem como objetivo promover conscientização do educador sobre o papel de mediador nesse processo de construção da afetividade no ambiente escolar, principalmente na Educação Infantil. Onde serão abordados conteúdos que visam ressaltar a importância dessa afetividade no processo de ensino aprendizagem. Através de pesquisas bibliográficas minuciosas a respeito do tema pudemos demarcar argumentos teóricos a fim de compreendermos a necessidade de um olhar mais crítico diante da realidade que ainda encontramos, quando se trata de ambientes não tão agradáveis tanto para o aluno como para o professor.

Delimitamos nosso projeto de ensino, em pesquisas bibliográficas, e esperamos que através dela, utilizando teorias de autores que valorizam a afetividade aliada a educação, como prática pedagógica, conscientizar a sociedade e principalmente educadores e profissionais da área, para o melhor aprendizado do indivíduo tornando-o cidadão de bem.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O docente sendo um mediador da aprendizagem deve buscar mecanismos que ajude seu aluno a se desenvolver, além de dar suporte para que o mesmo supere suas expectativas de aprendizagem. A afetividade é uma ferramenta que facilitará no processo de ensino aprendizagem.

Os estudos no campo da educação de Henri Wallon, onde atuou intensamente, contribuiu significativamente para as áreas do ensino aprendizagem. Sua teoria se tornou um instrumento capaz de ampliar nossa compreensão sobre o desenvolvimento infantil, onde nos fornece uma visão de elementos essenciais para a reflexão sobre o processo de ensino aprendizagem no desenvolvimento da criança (SILVA, 2018, p.3). Outros teóricos como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), já atribuíam a importância da afetividade para o processo evolutivo, entretanto foi o educador Henri Wallon, quem mais se aprofundou ao estudar a criança e perceber que a inteligência não é o principal fator para o desenvolvimento e sim que existem três dimensões que coexistem atuando de forma integrada - motora, afetiva e cognitiva.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198).

Nessa perspectiva, a criança deve ser vista como um todo, elas não estão nas Instituições apenas para adquirir conhecimento, portanto nossa tarefa implica compreendê-la por completo, isso nos ajuda a entender como a afetividade interfere na aprendizagem, se tornando um fator

preponderante para o desenvolvimento infantil.

Para Wallon (1995), afetividade e a cognição também são intrínsecas, ainda que tenham funções bem definidas, uma vez que permitem que as crianças alcancem coeficientes de desenvolvimento cada vez mais elevados.

Antes de qualquer separação entre a afetividade e a inteligência, existe uma integração que as permite conviver concomitantemente, mesmo quando o período é propício para a preponderância de apenas uma delas. A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento: são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas (ALMEIDA, 1999, p. 50).

A escola precisa lidar adequadamente com as emoções dos alunos, não intensificando situações de frustração e ansiedade, pois isso poderia interferir no funcionamento intelectual da criança, em seu processo de aprendizagem. O professor precisa estar ciente, também de suas próprias reações emocionais perante o aluno, compreendendo que o desenvolvimento da pessoa atravessa momentos conflituosos, de grande expressão emocional (CHIARATTI, 2014, p. 61).

Percebe-se então que o papel do educador nos anos iniciais pode desencadear frustrações desastrosas se não souber lidar com as emoções, visto que a afetividade se expressa por emoções bastante definidas, as quais permitem o desenvolvimento do indivíduo.

Cunha (2008), nos mostra a importância que o professor deve ter ao procurar conhecer seu aluno individualmente, principalmente no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento cognitivo. Para que assim ele possa promover mecanismos e utilizar-se de recursos adequados, onde o auxiliará de forma significativa o ensino aprendizagem do aluno. Saltini (2008) entende que além de conhecimentos teóricos, ele precisa conhecer o aluno,

entendê-lo, demonstrar disponibilidade de mudança, e quando perceber que sua prática pedagógica não está alcançando seus objetivos, reconhecer que existem falhas e que precisa mudar. O aluno deve ser encarado como sujeito ativo, o qual deseja aprender de forma significativa, não sendo um mero expectador, em que só são repassados os conteúdos, sem haver uma preocupação por parte do professor em perceber se o aluno está realmente aprendendo. Praticar uma pedagogia afetiva se faz necessário uma vez que somos seres humanos dotados de emoções. Na perspectiva de Wallon (1975), as emoções são à base da inteligência.

Quando se trata de transmitir conhecimentos, educar não se restringe apenas a isso, mas oferecer a oportunidade de se aprender, buscar suas próprias verdades e para isso precisamos utilizar de vários meios. O afeto é um meio pelo qual facilita a relação professor/aluno e consegue quebrar barreiras que atrapalham o processo de ensino aprendizagem, despertando no aluno interesse e motivação pra isso, nisso Cunha (2008,p. 51) diz que:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismos de auxílio ao professor mais eficaz.

O afeto é uma importante ferramenta para auxiliar o professor, quando desenvolvido em sala de aula. As crianças são movidas pelo afeto e pelo carinho. Quando isso é explorado, provoca no aluno um interesse, prazer em aprender, tornando-o mais participativo. Saltini (2008, p. 12) diz que:

Inicialmente, educar seria, então, conduzir ou criar condições

para que na interação, na adaptação da criança de zero até seis anos, fosse possível desenvolver as estruturas da inteligência necessárias ao estabelecimento de uma relação lógico-afetivo com o mundo.

Nisso Saltini (2008) relata que é através da interação afetiva, do aluno com o professor e com seus colegas de classe, que ocorre a troca de informações através do diálogo, em que o aluno vai se desenvolver intelectualmente na interação das atividades.

Cunha apud Piaget (2007, p.54) aponta quatro estádios, com diferentes níveis “[...] sensório-motor, pré-operatório, operações concretas e operações formais. Cada período constitui um momento do desenvolvimento, onde são construídas estruturas cognitivas singulares”.

Piaget comprova a existência desses estádios de desenvolvimento cognitivo como sendo muito importante para o aprendizado da criança. Cada segmento deste deve ser conhecido e respeitado pelo professor, como também estimulado, sabendo que cada etapa a criança tem a oportunidade de crescimento intelectual e amadurecimento de suas emoções, nisto também consiste desenvolver a afetividade na criança. Cunha (2008, p.57) relata que:

É importante que o professor conheça os estágios do desenvolvimento cognitivo do seu aluno, para utilizar os mecanismos educativos apropriados que promovam práticas pedagógicas estimulativas, não restritivas, adequadas ao período de amadurecimento de cada idade.

Cunha (2008) mostra-nos aqui a importância de conhecermos os estágios do desenvolvimento cognitivo da criança, pois à medida que esta verdade torna-se presente, certamente influenciaremos nossa prática pedagógica e também respeitaremos cada etapa deste seguimento. (Piaget apud Rossini 2004 p.9) “parece existir um estreito paralelismo entre o

desenvolvimento afetivo e o intelectual, com este último determinando a forma de cada etapa da afetividade”. Mas o que se observa dia-a-dia é que a afetividade é a base sobre a qual se constrói o conhecimento. Isso relata que o primeiro momento, o professor conquista a confiança do aluno, através de um diálogo afetivo para depois começar a ensinar, através de exercícios que desenvolvem o aluno. Segundo Montessori apud Cunha (2008, p.59) diz que:

Um educador mal preparado para observar a alma infantil e o dinamismo das nuances do seu desenvolvimento cognitivo pode calcar a sua natural necessidade para o aprendizado escolar e, conseqüentemente de expressar-se. É necessário manter a prodigiosa aptidão da criança que, enquanto vive plenamente, aprende.

A referida autora trata da importância do estar devidamente preparado e com uma sensibilidade que permita um olhar atento por parte do educador, que deve atender as expectativas e proporcionar momentos significativos que destaquem as aptidões da criança. A criança precisa vivenciar situações de aprendizado, as quais possibilitem que a mesma possa expressar-se. Um educador mal preparado impede este avanço, que para a criança ficarão as conseqüências.

Para Cunha (2008, p..63):

O modelo de educação que funcionava verdadeiramente é aquele que começa pela necessidade de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Ademais, a prática pedagógica para afetar o aprendente deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor.

Aqui Cunha (2008) deixa claro que na prática pedagógica o alvo deve ser o aluno, com isso se faz necessário ao educador refletir sobre sua ação, e entender que para haver um aprendizado significativo, o aluno deve ter suas reais necessidades respeitadas. O ato de ensinar não deve ser encarado

como algo imposto ou tão somente transferência de conhecimentos como se o aluno fosse um depósito bancário, mas sim como uma experiência bastante proveitosa em que a criança aprende e ao mesmo tempo se diverte. Saltini (2008, p.63) diz que:

O professor (educador) obviamente precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

Saltini (2008) mostra-nos o quanto se faz necessário, estabelecermos um vínculo afetivo com nosso aluno. É preciso aceitar o fato de que por ser uma criança, ela por si só é dotada de sentimentos, desejos, necessidade desde físicas, a espirituais. Precisamos conhecer este aluno, saber quem é, e como é. Estar disposto a ajudar, valorizando-o e fazendo-o perceber que é um ser, em constante desenvolvimento, e que poder socializar essa relação será algo prazeroso.

Para que aconteça uma prática pedagógica diferenciada, é necessário a existência de estímulos que transformem o aprendizado do aluno em algo prazeroso, o exercício de uma pedagogia afetiva permite ao professor conhecer o seu aluno bem como suas particularidades. De acordo com Cunha (2008, p.67):

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão, todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes.

De acordo com Cunha o desenvolver do afeto será algo determinante na vida do aluno, pois o mesmo sendo amado sentirá o desejo

de aprender e conseqüentemente este saber adquirido elevará sua autoestima e o tornará feliz. Cunha (2008, p.69) relata que:

Há professores - mesmo com pouquíssimos recursos- que afetam tanto que são capazes de transformar suas aulas em dinamos de inteligências, mesmo recitando o catálogo telefônico. Pode ser um exagero usar o catálogo como metáfora, mas na verdade, em nossa memória, o que mais conservamos são as coisas que nos afetam, para o bem ou para o mal.

Segundo Cunha (2008) um bom professor sabe como deixar sua aula dinâmica com experiências marcantes de forma positiva na vida do aluno. “A nova educação consideraria o sujeito como sendo mais importante que o objeto, isto é, o objeto só valeria enquanto funcionasse para o homem” Saltini (2008, p. 49). Com isso a educação, a qual demonstra, que o sujeito (aluno), hoje passa a ter importância no ensino aprendizagem, revela também que para haver um aprendizado significativo a relação que acontece, exerce influência e, portanto se faz necessário orientá-lo quanto ao uso deste conhecimento.

O referido autor fala da interação com o objeto (educando), comenta como é fundamental manter este vínculo, pois o mesmo facilita o aprendizado intelectual, como afetivo, essa relação quando estabelecida favorece uma troca de experiências mútuas.

Segundo Saltini (2008, p.98) “O educador sensível é aquele questiona suas ações baseando-se na abordagem que a criança faz da realidade, verbalizando uma realidade vista a seu modo (criança), com as suas capacidades estruturais, funcionais e afetivas”. O educador que tem um olhar sensível, avalia seus alunos e trabalha com eles de forma atenciosa, é capaz de compreender, contextualizando seus valores, em cima da realidade dos alunos para melhor aprendizagem.

A sensibilidade do professor torna-o capaz de entender os estágios de desenvolvimento da criança, fazendo-o vivenciar um mundo de imaginação, sonhos, alegria e etc. O professor precisa conhecer bem a criança, para usar de estratégias que produzam resultados satisfatórios, concordar que o aluno tem um papel importante no uso da Didática adotada pelo professor. Para Saltini (2008, p.100):

[...] a inter-relação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, se dá o tempo todo, seja na sala ou no pátio, e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. Essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento.

De acordo com o autor, a relação exercida entre o professor e aluno permite grande aquisição e conhecimentos, cada momento que é compartilhado contribui para o aprendizado. Esses momentos são representados pelo que chamamos de afetividade, e como já foi dito anteriormente o cognitivo não está dissociado do afetivo. Cunha (2008, p.85) também afirma que:

A sala de aula ao revestir-se da sua humanidade, com laços de compreensão e entendimento, com atividades dinâmicas e desejastes, com participação ativa do aluno e nutrida por seu interesse, poderá tornar o aprendizado surpreendente.

Nisto observa-se que a afetividade deve estar fluindo dentro da sala de aula, pois é na sala de aula que se desenvolve a educação emocional, que prepara estes alunos a se tornarem pessoas com ótimas relações interpessoais e principalmente esses alunos terão melhores condições intelectuais de aprender, pois os mesmos estão tendo as suas necessidades atendidas pelo professor, que procura utilizar este espaço para o aprendizado do aluno.

“A educação é uma arte. Não é uma mera profissão ser um

educador. Manipulamos a educação com as duas mãos a do afeto e a da lei das regras”. (Saltini 2008, p.p2). Isso quer dizer que afeto e lei caminham juntos para construir valores e aprendizado. Com isso o educador passa a ter uma responsabilidade maior, um comprometimento com o conhecimento que se transmite ao aluno sabendo dosar as duas coisas amor e regras. Cunha (2008, p.91) diz que:

Em razão do conhecimento prévio do conteúdo, o professor possui o domínio da matéria e, por conseguinte, sabe como promover o aprendizado dos seus alunos. Entretanto, além disso, ele ama o que faz. O seu amor provoca o amor da classe, como resultado, há fixação do que foi ensinado. A essa pedagogia, podemos chamar de pedagogia afetiva.

A pedagogia afetiva é o norte que deveríamos seguir em sala de aula, demonstrando afeto, respeito, sensibilidade, dedicação, empatia e principalmente compromisso com o que se faz e para quem se faz. Com isso podemos constatar a boa receptividade dos alunos em querer absorver o que está sendo transmitido por parte do professor, essa confiança quando adquirida ela se torna mútua.

Para que existam bons relacionamentos interpessoais é necessário haver afetividade, pois a mesma contribui de forma significativa para que ambas as partes sintam prazer em querer se relacionar. Como em todo relacionamento, a relação entre professor e aluno também precisa se fundamentar na afetividade e desejar vivenciar essa realidade no cotidiano escolar. Martinelli (2005, p.116) fala que a escola deve:

Propiciar um ambiente favorável à aprendizagem em que sejam trabalhados a autoestima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno sem contudo esquecermos da importância de um ambiente desafiador, [...] mas que mantenha um nível aceitável de tensões e cobranças, são algumas das situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução do seu trabalho.

A escola juntamente com os professores devem proporcionar um ambiente agradável e de confiança, desde o início das aulas, na formação de turmas e no convívio da rotina escolar, para melhor desenvolvimento da aprendizagem do educando Saltini (2008 p. 69) diz que:

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e colocá-las ao serviço de sua própria vida.

Saltini (2008) explica que o professor deve manter um diálogo afetivo constante com o aluno, para assim compreendê-lo melhor e se for o caso através do diálogo pode se moldar o aluno para uma vida de princípios e valores, principalmente nos dias atuais, onde o individualismo está tão presente. A criança precisa ouvir, mas ela precisa ser ouvida também. Cunha (2008, p.80) fala que:

A professora ou professor é o guardião do seu ambiente. A começar pelos seus movimentos em sala, que devem ser adequados e gentis. A postura, o andar, o falar, são observados pelos alunos, que o vê como modelo. Independente de idade, da pré-escola à universidade, o professor será sempre observado. Então, um bom ambiente para a prática do ensino começa por ele, que canalizará a atenção do aprendente e despertará o seu interesse em aprender.

Olhando na perspectiva do autor, o professor se torna o protagonista de uma cena que é vivida pelos alunos na sua rotina escolar, a qual demonstra ser o professor o centro das atenções dos seus alunos, a postura, o andar, o estilo, a personalidade, são atentamente observados, isso pode provocar uma reação positiva ou negativa por parte do aluno, dificultando ou facilitando seu aprendizado.

Pelo motivo acima descrito, a postura do professor deve influenciar

de forma positiva, realçando pontos fortes do seu caráter que despertem no aluno o desejo de aprender, de querer adquirir valores e virtudes, transformando-se em um cidadão do bem, crítico, consciente e que saiba exercer de forma participativa a sua cidadania, visando assim contribuir para a formação de pessoas responsáveis, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos. “Para educar o ser humano, é fundamental conhecê-lo profundamente bem como respeitar seu desenvolvimento. É necessário ter a percepção correta de como esse ser se desenvolve”. Saltini (2008, p.93) com isso nos mostra que além de compreender o aluno, é necessário ter paciência para alcançar a aprendizagem de cada educando que ocorre individualmente, em todas as fases de seu desenvolvimento. E o professor alcança isso quando trabalha com a sensibilidade afetiva.

Saltini (2008, p.100) afirma que:

O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza e o microuniverso onde as crianças buscam e se interessam. A postura desse profissional se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças que em cada idade diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo.

Saltini (2008, p.102) diz também que:

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis, fazem parte da paz que a criança necessita. Observa a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor vão assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador.

Com isso, o autor acima citado nos revela que apesar dos problemas que aparecem na vida do educador, ele deve manter o controle de suas emoções, para não transmitir suas angústias aos educandos em suas aulas,

As quais absorverão devido ao laço de afetividade criado no ambiente escolar. Saltini (2008, p.102) diz que:

O tratamento da equidade para todos os alunos poderia ser sempre mantido e explicado. Nenhuma criança deve ter a percepção de ser perseguida ou amada em demasia. A opinião de cada criança teria o mesmo respeito e valor, sem ressaltar o feito de alguma criança ou compará-la com outra, nem salientar diferenças entre meninos e meninas em brincadeiras e jogos, pois isto seria prejudicial ao desenvolvimento afetivo sadio.

Segundo o autor, o sentimento de justiça, igualdade dever ser mantido dentro de sala de aula, as crianças necessitam se sentir amadas queridas, valorizadas, respeitadas. Não deve haver por motivo algum, comparações que diminuem o potencial da criança, fazendo-a sentir-se inferior, incapaz, menosprezada, contribuindo para uma extensão do lar da criança, em que a mesma encontre muito afeto e atenção. Na postura do professor devem existir sentimentos nobres, capazes de influenciar todo o modo de pensar e ver o mundo como o outro. “Aquele educador que se centra nas crianças, observa e avalia constantemente. Trata a criança afetuosamente, sem excessos ou omissões”. Saltini (2008, p. 103). Com isso o educador que atende as necessidades da criança, desenvolve, na mesma, um aprendizado, fundamentado em suas ações que proporcionem aos alunos grandes conquistas relacionadas a uma pratica pedagógica que desperte seu desejo em querer aprender.

O professor precisa estar atento ao aprendizado do seu aluno. Isso o move a procurar meios para que esse aprendizado traga resultados diante dos métodos propostos a fim de atingir metas; precisa lançar desafios procurando estimulá-los direcionando o seu aprendizado de forma significativa. Neste processo de atenção por parte do professor o processo

de avaliação que acontece constantemente reforça no professor a necessidade de inovar sua prática. Saltini (2008, p.102) fala também que:

Seria ótimo manter um diálogo com a criança, em que se possa perceber o que está acontecendo, usando tanto o silêncio quanto o corpo, abraçando-a quando ela assim o permitir, compartilhar com os demais da classe os sentimentos que estão sendo evidenciados nesse instante é um trabalho quase terapêutico. {...} Dar oportunidade para a criança colocar seus sentimentos na escola, não apenas sua inteligência ou sua capacidade de aprender.

O autor aqui ressalta novamente como é importante manter o diálogo entre o professor e aluno, e através desse diálogo onde dá-se a oportunidade da criança falar com intimidade, consegue conhecer a realidade do aluno, claro utilizando momentos em que a criança se sinta a confiante. Aqui o papel da afetividade entra em cena, a sensibilidade do professor em entender e estar aberto a ajudar o aluno, fazendo o papel de terapeuta, consolando também se for o caso. E através dessa relação afetiva, se trabalha os valores primordiais na turma como respeito, honestidade e generosidade em suas ações diárias.

O professor deve ser criativo nos divertimentos de seus alunos. Buscar atividades que os agradam e ao mesmo exerçam curiosidade, de modo de que se sintam melhor ali do que em qualquer outro lugar, mas também fazendo com que o aluno busque a aprendizagem e o interesse pelos estudos por seu próprio impulso.

O ambiente escolar é a continuação do lar, portanto, a escola não pode limitar-se apenas a fornecer conhecimentos conceituais, mas deve contribuir para o desenvolvimento da personalidade de seus alunos. A influência mais importante no processo escolar é exercida pelo professor; então é preciso que ele compreenda a origem do desenvolvimento

emocional e o comportamento da criança em todas as suas manifestações.

O professor em sala de aula além de ser um mediador de conhecimentos, pode exercer um papel significativo ao ter a oportunidade trabalhar a emoção dos seus alunos. Quando o professor consegue trabalhar essa confiança, passa de professor a amigo confidente. Um simples gesto de atenção, um sorriso, um abraço, ou até um aperto de mão, conseguirá através de essa atitude deixar a relação professor-aluno mais harmoniosa, conseqüentemente deixar a criança mais a vontade diante dos obstáculos que vão enfrentar no decorrer do processo de aprendizagem. Não devemos ser apenas bons professores, mas professores fascinantes, segundo Cury (2003, p.64):

Bons professores falam com a voz, professores fascinantes falam com os olhos. Bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração de seus alunos.

Segundo o autor, essa sensibilidade afetiva, estimula o aluno a pensar antes de reagir, a não ter medo do medo, a ser líder de si mesmo e construir a sua própria história. É não ensinar o aluno somente a escola elementar, mas ensiná-lo a escola da vida. O professor tem que procurar ser mestre da sensibilidade.

Na prática educativa, sabemos que há muitos desafios a serem superados, porém a afetividade vem como grande aliada do professor no alcance da conquista da aprendizagem do aluno. Através da relação afetiva entre o professor e os alunos, serão construídos valores humanos que irão refletir durante toda a vida do aluno. Ele poderá esquecer-se de uma fórmula da resolução de um problema de matemática, mas jamais se esquecerá das fórmulas dos valores da vida.

Cury (2003, p.65) diz que:

Os educadores apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.

O referido autor mostra-nos a importância da atuação do professor como um profissional, que independente de suas limitações, com a sua presença pode transformar de forma especial agindo na vida de seus alunos, com exemplos através de sua conduta em sala de aula e fora dela.

Pedagogia afetiva, esta é a linha que nós educadores precisamos seguir, pois os sentimentos e emoções dos alunos precisam ser levados em conta, pois estão inteiramente ligados ao desenvolvimento cognitivo do aluno e irão influenciar diretamente em sua aprendizagem cotidiana da vida escolar.

Não há melhor recompensa para o professor do que o alcance da aprendizagem de seus alunos, levando-os a ingressar na sociedade com maturidade, pois nosso papel não é apenas ensinar, o educador também é responsável por proporcionar a criança experiências que auxiliam a desenvolver suas capacidades cognitivas como atenção, memória, raciocínio e o bem estar em um ambiente cheio de pluralidade. É maravilhoso saber que temos um papel fundamental ao ser mediador entre a criança e o conhecimento. Eis a questão pelo qual nós, futuros pedagogos, devemos estar em uma constante busca por aprender sobre o desenvolvimento de crianças e a forma como elas veem e sentem o mundo, criando oportunidades para elas manifestarem seus pensamentos, linguagem, criatividade, reações, imaginação, ideias e relações sociais, estando sensíveis a essas necessidades.

3. PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ENSINO

3.1 Tema e linha de pesquisa

O projeto de ensino tem como tema a Afetividade no processo de ensino/aprendizagem. Esse foi o fio condutor que fez com que esse Projeto de Ensino se efetivasse como um instrumento para a construção de novos conhecimentos. É sempre bom e de certa forma importante estudar sobre a vida afetiva na Educação infantil, visto entender a importância que esse tema tem ao se tratar de qualidade de vida. A afetividade deve estar presente desde a vida intrauterina até os últimos dias de vida. O tema proposto está relacionado com as temáticas abordadas no curso de pedagogia e todo processo educativo em geral. A linha de pesquisa veio de encontro a autores que defendem a afetividade na educação infantil e amparam a perspectiva da influência do afeto na relação professor-aluno. Acredito que após a leitura desse trabalho, essa leitura contribuirá de forma significativa para o crescimento de todo profissional que pretende atuar nesta área de educação, motivando a estar mais comprometidos com a tarefa de ensinar, tendo um olhar mais sensível a necessidade do ser humano.

3.2 Justificativa

A escolha desse tema ocorreu durante os estágios obrigatórios curriculares, onde se observou a dificuldade dos professores em lidar afetivamente com seus alunos no desenvolvimento do ensino. Talvez por se tratar de uma escola pública totalmente desprovida de recursos, numa comunidade onde a maior parte das crianças é carente afetivamente. Surge aí a preocupação em como trabalhar essa interação no dia-a-dia em sala de aula, buscando uma maneira de contribuir para que a escola seja um

ambiente de relações mais agradáveis e que o aluno possa aprender de maneira mais prazerosa, sendo estimulado a buscar cada vez mais conhecimento.

3.3 Problematização

A influência nos resultados de aprendizagem é perceptível na relação professor-aluno em sala de aula. Durante o curso de pedagogia estudamos sobre diversos teóricos falando a respeito da aprendizagem, afirmando que o aluno traz consigo uma bagagem de conhecimentos adquiridos em sua experiência de vida e esse conhecimento Vygotsky chama de conhecimento prévio. A partir deste conhecimento prévio, o professor irá ensinar novas aprendizagens aos alunos. Diante disso, senão houver uma relação afetiva de confiança entre o professor e o aluno, o professor não conseguirá determinar as dimensões desse conhecimento prévio adquirido por esse aluno e isso poderá comprometer a aquisição de uma aprendizagem significativa. Portanto, se faz necessário construir uma relação de afeto entre o professor e o aluno, pois essa relação está certa forma está ligada a aprendizagem.

3.4 Objetivos

- Mostrar a influência na relação afetiva entre professor e aluno no processo de ensino aprendizagem.
- Promover uma reflexão por parte do professor, em avaliar como tem exercido sua função como mediador no processo de ensino aprendizagem da criança na Educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

- Analisar e discutir através de dados coletados, o perfil de um bom professor.

3.5 Conteúdos

Os conteúdos deste projeto são fundamentados na reflexão de pesquisas bibliográficas de grandes autores, que mostram que a afetividade além de mediar o aprendizado torna possível melhorar relações interpessoais professor-aluno. Serão abordados temas como perfil de um bom professor, relevância da afetividade no processo de ensino aprendizagem dos alunos e a reflexão da prática profissional do professor na Educação Infantil ou anos iniciais do Ensino Fundamental.

3.6 Processo de desenvolvimento

O projeto será desenvolvido através de uma abordagem teórica sobre a importância da afetividade na aprendizagem, fundamentadas nos autores, Wallon, Cury, Vygotsky, Piaget, Saltini.

O primeiro passo para desenvolver esse trabalho, foi a leitura das orientações do projeto de ensino - curso de pedagogia, para que fosse possível entender a real proposta para elaboração do mesmo. Em seguida foram realizadas leituras e pesquisas nas obras dos autores mencionados, como autores que atribuíam a importância da afetividade para o processo evolutivo e perceberam que a inteligência não é o principal fator para o desenvolvimento e que existem outros fatores, dentre eles a afetividade. Após realizar essa leitura e pesquisa sobre o assunto de afetividade no processo de ensino aprendizagem, começamos a elaboração do Projeto.

Iniciamos abordando o tema como eixo norteador do referido

projeto na introdução, visando esclarecer a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem dos alunos na Educação Infantil ou anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ao ser elaborado o desenvolvimento deste trabalho utilizamos várias referências como suporte na tese defendida no trabalho, que é a afetividade, procurando argumentar de maneira objetiva e clara.

3.7 Tempo para a realização do projeto

O tempo gasto para a realização do projeto foi em duas etapas: 1ª etapa com uma duração de 36 dias, onde foi escolhido o tema; pesquisas bibliográficas sobre esse tema; escolha e leitura da fundamentação teórica escolhida: A emoção na sala de aula - Ana Rita Silva Almeida; Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica - Antônio Eugênio Cunha; Afetividade e Inteligência - Cláudio J.P Saltini; Pais Brilhantes, Professores Fascinantes - Augusto Cury; e algumas abordagens teóricas de Piaget e Vygotsky estudadas ao longo do curso de Pedagogia.

A segunda etapa com uma duração de 15 dias, onde realizamos a elaboração dos objetivos; início da elaboração da introdução do projeto, elaboração da redação do relatório do projeto no Word, conforme orientações propostas no portal do aluno; início da elaboração do desenvolvimento do Projeto de Ensino baseando na fundamentação teórica; reflexão sobre o tema; término da elaboração do desenvolvimento e avaliação diagnóstica do Projeto de Ensino e elaboração das considerações finais.

3.8 Recursos materiais

Os recursos necessários para a realização do Projeto de Ensino foram livros utilizados ao longo do curso de Pedagogia, livros das obras literárias utilizadas na fundamentação teórica, notebook, material disponível na internet, em sites de busca científica como o *Google Acadêmico* <http://scholar.google.com.br>.

Avaliação

A avaliação se dará por meio de reflexão a respeito do tema: A afetividade no processo de ensino/aprendizagem. Pretende-se alcançar uma conscientização por parte dos professores em relação a sua postura e a valorização da afetividade como importante ferramenta no auxílio do processo de ensino/aprendizagem dos seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente vivemos uma realidade em que os pais não têm dado a atenção necessária aos filhos, desencadeando uma carência afetiva nas crianças. Pais desde cedo colocam seus filhos em ambientes de educação infantil para garantir o sustento da família. Isso faz com que a criança precise se sentir segura para adquirir os conhecimentos prévios, conhecimentos estes que serão necessários para suas fases educacionais. É aí que entra o professor sendo ele mediador do saber, perceber se essa carência está afetando o desenvolvimento cognitivo da criança. Essa percepção deve gerar no professor o desejo de se aproximar, criar um vínculo afetivo com ela, afim de transmitir confiança e facilitar o processo de ensino aprendizagem.

O ser humano, antes mesmo de nascer, ainda no ventre materno, necessita de afeto. E essa necessidade se propaga até a fase transitória da vida. Na sala de aula não é diferente, a relação que é estabelecida entre professor e aluno requer a presença de afetividade.

Podemos concluir que o afeto é de suma importância no processo de aquisição de conhecimentos da criança. Onde com o estímulo correto, o professor através de atividades educacionais, utilizando como mecanismo de aprendizagem o afeto, ele será feliz no que se trata segurança necessária para que a criança desenvolva um aprendizado que realmente atinge suas expectativas. O uso de uma prática pedagógica afetiva pode estimular não só a relação afetiva, como a questão cognitiva e social do aluno. Na relação professor-aluno a afetividade é essencial para que o processo de aprendizagem aconteça com sucesso.

O afeto se torna indispensável na busca por conhecimento por parte

da criança, pois é com carinho que se deve ensinar o que é certo ou errado. Utilizando o carinho, a criança adquire confiança necessária para sua evolução enquanto cidadão.

Diante da fundamentação teórica, a qual este trabalho se argumenta, percebe-se o quanto é importante o afeto do professor transmitido ao aluno. A autoestima do aluno é elevada, a aprendizagem se torna bem mais prazerosa e construtiva, o ambiente da sala de aula se torna em um clima agradável e harmonioso.

Para que o professor conheça bem seus alunos, faz-se necessário que ele não negligencie os aspectos afetivos. É importante refletir sobre a importância da afetividade em sala de aula na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, de maneira que os alunos possam ser compreendidos e respeitados. É preciso ter a sensibilidade para ouvi-los, dialogar e apoiá-los para que busquem superar suas dificuldades.

A presença do afeto no cenário pedagógico é de fundamental importância. “É necessário que cada criança seja vista e tratada como pessoa única, respeitada na sua singularidade, nas suas aptidões, e também em suas limitações, tendo seu ritmo e limites respeitados. Quando a criança é reconhecida como indivíduo e como ser humano, sendo tratada com afeto e carinho, estabelecendo vínculos afetivos com todos aqueles que lhe cercam, sente-se segura, confiante para expressar suas emoções, vontades, pensamentos, medos, inseguranças, tomar decisões, atitudes, se impor, resolver seus conflitos, ou seja, sente-se um ser autônomo” (OLIVEIRA, 2016, p.53). Portanto, entendemos que o afeto se configura como o ato sensível do trabalho educativo, seja ele no ambiente escolar ou não escolar. Esse ato dá ao professor um poder que tem a capacidade de afetar o aluno

de forma positiva, mas também inversa, com isso temos que dar uma importância maior a esse ato e refletirmos a nossa prática pedagógica, para afetarmos de maneira positivamente nos nossos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.R.S. **A emoção na sala de aula.** Campinas: Papirus, 1999.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Wak 2008.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes,2007.

SOBRENOME, Nome do autor. **Título da obra.** Edição. Cidade: Editora, Ano de Publicação.

CAPÍTULO 4

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Laura Cristina Lima Pinheiro

RESUMO

A ludicidade proporciona uma variedade de atividades muito prazerosa, que ajuda no desenvolvimento da criança em seus aspectos: cognitivos, afetivos, sociais e motores. Por meio de atividades lúdicas a criança consegue vivenciar, descobrir, criar, adquirir habilidades, desenvolver autoconfiança, criatividade, raciocínio, amplia o desenvolvimento da linguagem, autonomia e atenção. Por meio da dinâmica, o lúdico possibilita, além de situações satisfatórias, o surgimento de condutas e assimilação de regras sociais, propiciam o desenvolvimento do seu intelecto, deixando claros seus sentimentos, suas angústias, ansiedades, auxiliando no reconhecimento de suas dificuldades, proporcionando assim soluções e uma grandeza na vida interior da criança. Importante apontar que os jogos e jogos em sala de aula podem ser considerados como atividades sociais sobrepostas de interação específica e fundamental que garantem a interação e construção. Do conhecimento da realidade vivida pelas crianças e da constituição do sujeito-criança como agente da história.

Palavra - Chave: Educação Infantil. Ludicidade. BNCC.

ABSTRACT

Playfulness provides a variety of very pleasurable activities that help the child's development in its cognitive, affective, social and motor aspects. Through playful activities, the child can experience, discover, create, acquire skills, develop self-confidence, creativity, reasoning, expands the development of language, autonomy and attention. Through dynamics, the ludic allows, in addition to satisfying situations, the emergence of behaviors and assimilation of social rules, favoring the development of their intellect, making their feelings, anxieties, anxieties clear, helping to recognize their difficulties, thus providing solutions and greatness in the child's inner life. It is important to point out that games and games in the classroom can be considered as overlapping social activities of specific and fundamental interaction that guarantee interaction and construction. From the knowledge of the reality experienced by children and the constitution of the child-subject as an agent of history.

Keywords: Early Childhood Education. Playfulness. BNCC.

INTRODUÇÃO

Embora a educação infantil continue a ser de grande importância para os pais, legisladores e o público, muitos identificam incorretamente esse período crítico como o nascimento até a pré-escola ou o jardim de infância.

A Educação Infantil no Brasil, inicialmente se caracterizou por um atendimento assistencialista. Contudo, à medida que foi se expandindo, outras perspectivas foram surgindo, além da principal preocupação de atender às necessidades das mães que desempenham atividade produtiva fora do lar. Entretanto, até os dias de hoje podemos identificar que, de modo geral, com algumas variações, essa prática educativa é cercada de cuidados especificamente voltados para o atendimento das necessidades de alimentação e higiene, na faixa de 0 a 3 anos (creche), e de 4 a 6 anos (pré-escola), para a preparação da criança para o Ensino Fundamental (CAMPOS, 2001).

Embora o cérebro desenvolva a maioria de seus neurônios entre o nascimento e os 3 anos de idade, a educação infantil é definida como o período do nascimento até os 8 anos de idade, correlacionando-se com o nível da segunda ou terceira série.

Os primeiros anos de uma criança são a base para seu desenvolvimento futuro, fornecendo uma base sólida para a aprendizagem ao longo da vida e habilidades de aprendizagem, incluindo o desenvolvimento cognitivo e social. Pesquisa bem estabelecidas continuam a enfatizar a importância da educação infantil como um alicerce essencial para o sucesso futuro de uma criança.

Dentro desse contexto as atividades lúdicas para as crianças em

educação infantil são essenciais e muito importantes para seu desenvolvimento.

Em estudos de brincadeiras de crianças pequenas, a maior atenção é dada aos benefícios educacionais da “brincadeira pura” - isto é, atividades nas quais a criança se envolve espontaneamente para diversão e prazer: movimentos lúdicos com pernas e braços; brincadeira física das crianças correndo e descendo o escorregador; explorações lúdicas na caixa de areia e com objetos físicos; fingir brincar com carros e bonecas no canto da casa. Uma gama variada de possibilidades para brincar é uma das marcas importantes da alta qualidade da educação de crianças pequenas.

A ludicidade é considerada, pelos estudiosos, indispensável à saúde física, emocional e intelectual da criança, não só no período da educação infantil, mas também no decorrer de toda a sua formação, inclusive na formação de sua personalidade dela.

Mas as crianças pequenas não vivem exclusivamente no mundo da brincadeira. Desde o início, as crianças são confrontadas com o que Huizinga (1938/1955) chama de “as necessidades e obrigações da vida normal”. É preciso cuidar das crianças: elas precisam comer e beber, se limpar e trocar de roupa, dormir. Da perspectiva das crianças também, nem tudo que elas fazem é brincar. Eles ajudam e confortam outras crianças; eles ajudam seus pais e professores com a limpeza, cozinha e outras tarefas domésticas. Muito do tempo dos pais e professores de crianças pequenas é dedicado a cuidar delas, com os cuidadores se adaptando ao que a criança é capaz e deseja. Mas a criança se adapta pelo menos na mesma medida ao ambiente em que está crescendo. As crianças querem aprender a cuidar de si mesmas. Querem aprender com

os adultos e contribuir para o grupo: querem crescer. A criança aprende os ritmos de dormir e se alimentar, bem como os costumes, habilidades e linguagem da cultura. As crianças pequenas provavelmente fazem todas as adaptações que são esperadas delas por meio do prazer no contato e da necessidade de brincar e aprender com seus professores e com os objetos do ambiente. A brincadeira fornece um contrapeso para todas as adaptações esperadas das crianças pequenas. Portanto, é importante que as crianças mais novas olhem não apenas para suas brincadeiras puras e livres, mas também para suas brincadeiras e interações lúdicas durante o tempo em que os adultos cuidam delas e cumprem outras obrigações da vida normal.

O que conta é o espírito lúdico que permeia todos os aspectos da vida das crianças. Brincar é fundamental para viver e se adaptar às demandas da vida cotidiana. Se não quisermos perder a criatividade necessária para superar as diferenças de poder e ter prazer na co-construção do sentido e na modulação da experiência subjetiva, devemos valorizar o dom que a natureza nos deu: a capacidade de brincar.

Concluindo, o brincar e o lúdico são aspectos básicos da educação infantil. Quanto mais jovem a criança, mais importante é que as brincadeiras permeiem todos os aspectos de sua vida. Uma pedagogia lúdica significa que os professores fornecem suporte para as crianças brincarem em um ambiente seguro e desafiador, adaptado às suas necessidades e interesses, e também que os professores apoiam a brincadeira e as relações entre pares desde a mais tenra idade. Além disso, uma pedagogia lúdica envolve o conhecimento dos professores de que a ludicidade e a co-construção de significado com bebês e crianças pequenas andam de mãos dadas. A estruturação e o estabelecimento de

limites pelo professor e a adaptação das crianças às demandas do professor devem ocorrer em um espírito lúdico. Interações ritualizadas ou padrões de comportamento ajudam a criança a antecipar, tomar a iniciativa e inventar variações; eles apóiam a agência da criança. Acima de tudo, em uma brincadeira os professores de pedagogia estão cientes de que as crianças pequenas vivem em um mundo que pode facilmente dominá-las. Eles têm muito que aprender e precisam se adaptar ao mundo cultural em que nasceram. As brincadeiras ajudam as crianças a manter a confiança e a não desistir após o fracasso. Em uma pedagogia lúdica, os professores estruturam suavemente a vida das crianças por meio de rotinas, rituais, canção dança, ritmos, rimas e humor.

A ludicidade é muito importante para o desenvolvimento das crianças principalmente no que diz respeito à interatividade das crianças com os adultos ou com outras crianças, como podemos observar esta observação descrita no BNCC:

A interação durante a brincadeira caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitos aprendizados e potencialidades para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e brincadeiras entre crianças e seus filhos com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão de afetos, a mediação de frustrações, a resolução de conflitos e a regulação de emoções (BNCC, 2017, p.33) .

Na Educação Infantil, as crianças precisam de condições para que possam aprender em situações em que possam participar ativamente em ambientes que as estimulem a vivenciar desafios e se sintam motivadas a resolvê-los, em que possam construir ideias e significados sobre o mundo social e natural e especialmente sobre si mesmo e os outros desenvolvendo autoconfiança para desenvolver uma aprendizagem significativa. Nesse contexto, encontramos propostos no BNCC (2021, p.

34) seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil que são:

Viver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito pela cultura e as diferenças entre as pessoas.

MODELO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Tema: Lucidade em sala de aula Tempo previsto: 3 aulas				
Agrupamento etário ou turma: 4 anos de idade				
Apresentação da sequência: Serão realizadas três propostas de aulas as quais irão trabalhar os diversos aspectos da lucidade para crianças de 4 anos de idade, as quais serão instrumentos para o melhor desenvolvimento do aprendizado infantil.				
Desenvolvimento da sequência: A seguir apresentamos três planos:				
Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	Campos de experiência	Desenvolvimento	Recursos	Avaliação
Explorar texturas, cores e letras ampliando seus conhecimentos em suas diversas modalidades como nas artes e iniciação da escrita.	alfabeto de massinha	Os alunos serão convidados a fazerem o alfabeto em massinha. Cada grupo de 4 irá criar uma sequência de letras distribuídas pela professora, que ao final serão unidas para formar o alfabeto.	Massinha e folha sulfite A4	A avaliação dará desde o início da aula observando a interação das crianças
		crianças.		
Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, artes, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.	Pintura com esponja	A professora distribuirá cartolinas e esponjas em formatos variados de animais para a pintura. As esponjas serão mergulhadas nas tintas, e as crianças irão criar cenários de acordo com suas criatividadees	Esponja, tinta e cartolina	A avaliação dará desde o início da aula observando a interação das crianças
Estimular a cognição, interação interpessoal, habilidades físicas e motoras. Trabalhar a musicalidade e rima.	CORRECUTIA	Quem não se lembra dessa brincadeira tradicional e alegre? Brincadeira com música e rima, além de proporcionar aquele movimento que as crianças adoram, ainda é excelente para o vocabulário das	Aparelho de som	A avaliação dará desde o início da aula observando a interação das crianças

<p>Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, artes, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.</p>	<p>Pintura com esponja</p>	<p>A professora distribuirá cartolinas e esponjas em formatos variados de animais para a pintura. As esponjas serão mergulhadas nas tintas, e as crianças irão criar cenários de acordo com suas criatividades</p>	<p>Esponja, tinta e cartolina</p>	<p>A avaliação dará desde o início da aula observando a interação das crianças</p>
<p>Estimular a cognição, interação interpessoal, habilidades físicas e motoras. Trabalhar a musicalidade e rima.</p>	<p>CORRE-CUTIA</p>	<p>Quem não se lembra dessa brincadeira tradicional e alegre? Brincadeira com música e rima, além de proporcionar aquele movimento que as crianças adoram, ainda é excelente para o vocabulário das</p>	<p>Aparelho de som</p>	<p>A avaliação dará desde o início da aula observando a interação das crianças</p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos neste estudo que a ludicidade é essencial para o melhor ensino aprendizagem na educação infantil. Pois a Educação Infantil está elaborada na Base Nacional Comum Curricular e fundamentos a respeito da relevância do lúdico no desenvolvimento de ensino aprendizagem infantil, exibindo que a ludicidade é imensamente fundamental para o desenvolvimento da criança, especialmente dos educadores, portanto é por meio das brincadeiras e dos jogos que a criança entende a si mesmo e o outro.

É fundamental que os direitos de aprendizagem e desenvolvimento sejam respeitados para que as crianças tenham um crescimento físico e cognitivo completo. O lúdico deve estar sempre presente nessas etapas para que a criança aprenda brincando, ou seja, sem perceber que está sendo ensinado, sem ensino forçado. O BNCC considera que na Educação Infantil, na aprendizagem e no desenvolvimento infantil, tem a interação e o lúdico como eixos estruturantes.

REFERÊNCIAS

Base Nacional Comum Curricular (BNCC): “A etapa da Educação Infantil” (da página 35 até 52). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em: 09 jul. 2021.

CARMO, Carliani Portela da; VEIGA, Elaine Cristina Freitas; CINTRA, Rosana Carla Gonçalves Gomes; LIMA, Sarah da Silvia Corrêa. A ludicidade na Educação Infantil: Aprendizagem e Desenvolvimento. In XIII EDUCERE - Congresso Nacional de Educação. Curitiba, PR: 2017.

ANJOS, Ana Maura Tavares dos. Organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil: desafios e possibilidades no trabalho com sequências didáticas. *Revista Educação Publica*, v. 20, no 48, 15 de dezembro de 2020

PUTTON, Gisele Mariotti, CRUZ, Pollyanna Santos da PUTTON, Gisele Mariotti. CRUZ, Pollyanna Santos da. A importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 06, Ed. 05, Vol. 11, pp. 114-125. Maio de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/ensinoaprendizagem>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/ensinoaprendizagem

CAPÍTULO 5

EDUCAÇÃO INCLUSIVA - INSERIDA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Maria Luzinalva de Moraes Pais

RESUMO

Este livro tem como objetivo de pesquisa a necessidade da inclusão dos alunos com necessidades especiais e a importância do processo de ensino e aprendizagem é um processo em que se amplia a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular, trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam à diversidade de alunos, uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social. Pois no Brasil, a Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva, assegura acesso ao ensino regular a alunos com deficiência (mental, física, surdos e cegos), com transtornos globais do desenvolvimento e a alunos com altas habilidades, superdotação, desde a educação infantil até a educação superior, fazendo uso da concepção Vygostkyana principalmente, entende que a participação inclusiva dos alunos facilita o aprendizado para todos. Este livro é fundamentado em, Pierre Lévy (1998), Feuerstein (1980), Campos (2008).

Palavras-chave: Aprendizagem. Cultura. Educação.

ABSTRACT

This book aims to research the need to include students with special needs and the importance of the teaching and learning process is a process in which the participation of all students in regular education establishments is expanded, it is a restructuring of culture, practice and policies experienced in schools so that they respond to the diversity of students, a humanistic, democratic approach that perceives the subject and his singularities, having as objectives growth, personal satisfaction and social insertion. For in Brazil, the National Policy on Special Education, from the Perspective of Inclusive Education, ensures access to regular education for students with disabilities (mental, physical, deaf and blind), with global developmental disorders and for students with high abilities, giftedness, from kindergarten to higher education, making use of the Vygotskyan conception mainly, understands that the inclusive participation of students facilitates learning for all. This book is based on, Pierre Lévy (1998), Feuerstein (1980), Campos (2008).

Keywords: Learning. Culture. Education.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo de ensino integrado tem objetivo de esclarecer o que se refere às crianças com deficiência como aprenderem de forma eficaz quando frequentam as escolas regulares, tendo como instrumento a qualidade do ensino. Porém na educação especial domina uma área de conhecimento como um campo de atuação profissional, de um modo geral que gera um ensino e aprendizagem que não tem sido uma ocupação do sistema de educação regular.

No ensino integrado, a criança é vista como sendo portadora do problema e necessitando serem adaptadas aos demais estudantes, se uma criança com dificuldades especiais é integrada numa escola regular, ela passa a se comunicar com os demais passando a se socializar com o grupo. De acordo com Pierre Lévy (1998, p. 13), o ser humano está provavelmente convergindo para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho.

Devem ser do estado e da própria família, utilização de métodos e técnicas que contemplam códigos e linguagens apropriadas as situações específicas da aprendizagem nas escolas suprimindo essas necessidades, a Experiência de Aprendizagem Mediada na proposta por Pierre Lévy possibilita o desenvolvimento de ferramentas teórico-metodológicas capazes de produzir modificabilidade cognitiva estrutural.

As variedades de propostas pedagógicas que nos são apresentadas hoje, não podem negar que a questão da educação de alunos especiais na perspectiva da educação inclusiva é uma proposta que está posta, seja pelas

diretrizes e,ou documentos oficiais nacionais de educação, seja pelas próprias circunstâncias atuais da educação no Brasil. No entanto Segundo Feuerstein (1980, p.9) propõe que "há uma relação dinâmica constante do sujeito com o ambiente, estando ambos em movimento e interagindo com a realidade sociocultural".

O objetivo da educação é sistematizar os princípios e as diretrizes gerais da educação básica, e os direitos da família porem devem ser do estado e da própria família, utilização de métodos e técnicas que contemplam códigos e linguagens apropriadas as situações específicas da aprendizagem.

De acordo com Feuerstein, para se produzir uma aprendizagem significativa torna-se imprescindível a dupla "mediador-mediado" que, ao desenvolver os critérios de mediação, possibilita a interação e a modificabilidade, já que é somente por meio da interação do sujeito com outros sujeitos capazes de mediar informações necessárias, estando estes sujeitos integrados a um meio ambiente favorável e estimulante, que o desenvolvimento cognitivo acontece.

A educação com qualidade conforme argumenta Campos (2008), para os movimentos sociais reivindicavam a qualidade da educação entre o decorrer dos anos, pois os participantes tinham dificuldades de perceber as nuances dos projetos educativos que s instituições de ensino desenvolviam.

O trabalho problematiza a realidade dos alunos da educação especial que frequentam as escolas na educação especial é um tema recente nas políticas educacionais. No entanto, a presença desta interface nos documentos oficiais da educação especial é projetos de grandes pesquisas a

serem conquistadas com o decorrer do tempo. Segundo Feuerstein (1994) afirma que duas são as formas de aprendizagem humana, uma delas é a experiência direta de aprendizado é a interação do organismo com o meio ambiente, a outra é a Experiência de Aprendizagem Mediada que requer a presença e a atividade de um ser humano para organizar, selecionar, interpretar e elaborar aquilo que foi experimentado. Sendo assim, esse autor sustenta que ocorrem mudanças que são determinantes do desenvolvimento cognitivo causando respostas diferenciadas em relação ao meio em que vive.

Um requisito na educação especial na educação inclusiva é propiciar e aceitar exposição da nossa e a de outras culturas, para que possa se reconhecer perante aquela que ele pertence, fazendo com que crie sua própria identidade cultural e pessoal, tendo orgulho de pertencer a tal cultura e assim evitando discriminações que possam surgir, possibilitando o seu desenvolvimento. Porém falar sobre a família como participantes do processo de ensino e aprendizagem exige aprofundar sobre a família na contemporaneidade e qual papel desempenha no ponto de vista da escola.

A escola e a família são contextos do desenvolvimento dos indivíduos com papéis complementares no processo educativo cujo significado cultural, econômico e existencial (...) reside no encontro dinâmico das realidades, valores e projetos de cada uma destas unidades sociais. É a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, (TEIXEIRA, 2006, p. 39).

Diante de tais constatações este capítulo procurará investigar, inicialmente, as teorias que reconhecem a presença do professor da educação especial. Segundo Teixeira (2006) a família é fundamental na vida

dos alunos. Buscou-se fundamentação teórica no levantamento das fontes de informações sobre o objeto, para definição do tema, a fim de explicar o aluno com necessidade especial e observa-se que o tópico proposto carente de estudos, principalmente no campo educacional, sendo necessário recorrer a outras áreas para delineamento do assunto, fato que comprova a importância e a necessidade de aprofundamento sobre o tema proposto na área da educação.

Este conceito de inclusão envolve um jeito de pensar fundamental diferente sobre as origens da aprendizagem e as dificuldades de comportamento. Em termos formais estamos falando sobre uma mudança de idéia de defeito para um "modelo social". (MITTLER, p. 25, 2003).

A inclusão de alunos que apresentam, necessidades educacionais especiais vêm mobilizando a sociedade e toda comunidade escolar frente a este novo modelo de escola, onde todos os alunos devem estar incluídos nas salas de aulas, do ensino regular. Esse movimento faz com que a escola reflita sobre princípios desse novo paradigma, que vai desde a convivência com esses alunos em um mesmo espaço até uma mudança na organização de todo o trabalho pedagógico da escola.

2- REVISÃO DE LITERATURA

2.1- A importância da família na inclusão social

O presente trabalho visa como objetivo principal a concepção da família na escola, e a maneira como recebem e acolhem os alunos com dificuldades especiais, ao usar a pesquisa através de conhecimentos já existentes, buscamos explicar como os autores em seus estudos observam a participação da família na escola e qual o conceito que as escolas têm no campo para a comunidade educacional.

A inclusão escolar, influenciada por diretrizes internacionais, vem se constituindo como prioritária na legislação brasileira desde a década de noventa, com base nos princípios da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994). Porém a legislação nacional parte do pressuposto que a educação inclusiva se caracteriza como uma ampliação de acesso à educação dos grupos historicamente excluídos.

Devido ao âmbito do estudo da educação Segundo a Unesco (1968), os objetivos da Educação Especial destinada às crianças com deficiências mentais, sensoriais, motoras ou afetivas são muito similares aos da educação geral, quer dizer: possibilitar ao máximo o desenvolvimento individual das aptidões intelectuais, escolares e sociais.

Quando se trata de inclusão primeiramente, é de suma importância um rompimento com a noção que o senso comum traz de cultura, onde um homem culto é aquele que teve a instrução, ou, seja conhecedor de alguma produção intelectual da humanidade, pois essa idéia de cultura é advinda da hierarquização da sociedade.

A inclusão tem um sentido que indica a situação unilateral, onde

apenas o deficiente teria de lutar para ser aceito em um grupo social. A inclusão procura colocar o deficiente dentro da estrutura da qual faz parte por direito. Entre estes grupos, a escola e a família são os que em primeiro lugar precisam e devem estabelecer a inclusão.

Inclusão é o processo social pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social institui então, um processo bilateral na qual as pessoas ainda excluídas, e a sociedade, buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI, 1997, p. 41).

A inclusão é um assunto de extrema importância, que representa o modelo atual, ainda discutido e em implantação no Brasil, que se atingir aos objetivos propostos, poder com um espaço de tempo, modificar muito na vida da sociedade de modo geral e especialmente para as pessoas com necessidades especiais.

2.2 Educação inclusiva na escola

A educação inclusiva não é tarefa fácil de resolver na prática, embora educadores e comunidade em geral busquem a escola de melhor qualidade para todos. Inúmeras e complexas são as condições que favorecem a proposta inclusiva. Autores nacionais e internacionais, que se dedicam ao estudo da inclusão reconheceram que muitos são os obstáculos existentes. Diante deles, ou assumimos uma postura de negação e fuga, deixando de enfrentá-los, ou os encaramos como desafios a serem superados, para o que

se fazem necessárias algumas ações do enfrentamento. Tais ações alicerçam-se na crença do potencial humano e na vontade política de "fazer acontecer" (PARANÁ, 2000, p. 17).

A partir deste capítulo de pesquisa pelos conteúdos pesquisados observa-se que os alunos com necessidades especiais, precisa de uma avaliação diferenciada, ou seja, escola inclusiva significa educar todos os alunos em salas de aula comuns, isto significa que todos, sem exceção recebem educação e frequentam as mesmas aulas.

O direito ao ensino regular tem possibilitado às crianças com necessidades educacionais especiais, a busca de qualificação em várias áreas do conhecimento, desenvolvendo funções sociais e cognitivas.

O processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais tem sido amplamente discutido, principalmente a partir da década de 90, quando iniciou-se o debate sobre a necessidade de não somente intervir diretamente sobre essa população, mas também reestruturar a sociedade para que possibilite a convivência dos diferentes (Mendes, 2002a, p. 64).

Segundo Anastasiou (2004) confirma que a função do professor é, então, de provocar, instigar, valer-se dos alunos para elaborar uma ligação com o objeto de aprendizagem que, em algum estágio, consinta em uma carência deles, auxiliando-os a tomar consciência das necessidades socialmente existentes na sua formação.

O ter e o fazer devem servir para ser mais e melhor, a fim de que o ensino-aprendizagem contribua para a conscientização reflexivo-crítica dos sujeitos históricos e se recriem as possibilidades de uma pedagogia

humanizadora, numa perspectiva crítica e transformadora. (ANASTASIOU, p.81, 2002).

As relações entre ser e fazer, pois é preciso também analisar a inter-relação do ter com o ser, o ter-conhecimento comporta um valor importante, constituindo-se meio e instrumento para ser mais, aperfeiçoar e realizar o ser professor e aluno num processo de troca e interação de seus sentidos e significados em dado contexto histórico.

Dentre esses processos de ensino e aprendizagem a escola inclusiva, em uma perspectiva dos envolvidos neste processo de ensino necessita características específicas, para que possam acolher e educar todos os alunos sem distinção ou preconceito.

Segundo Kunc (1992), o princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade e da comunidade humana, visto que a educação inclusiva é totalmente abraçada, nós abandonamos a idéia de que as crianças devem se tornar normais para contribuir para o mundo.

O paradigma da inclusão vem ao longo dos anos, buscando a não exclusão escolar e propondo ações que garantam o acesso e permanência do aluno com deficiência no ensino regular. No entanto, o paradigma da segregação é forte e enraizado nas escolas e com todas as dificuldades e desafios a enfrentar, acabam por reforçar o desejo de mantê-los em espaços especializados.

A Declaração de Madrid (2002), define o parâmetro conceitual para a construção de uma sociedade inclusiva, focalizando os direitos das pessoas com deficiências, uma vida digna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No entanto, existem várias formas de melhorar a inclusão nas escolas, sendo que se faz necessário um levantamento geral e análise ampla dos conceitos, políticas e estruturas da escola para entender onde estão as falhas e como elas podem ser supridas.

Dessa forma, devemos levar em consideração as dicas trazidas até o momento pode ser um fator de auxílio nessa construção de um ambiente mais inclusivo nas escolas, proporcionando de fato os direitos da pessoa com deficiência fazendo com que os melhores resultados consigam ser obtidos.

REFERÊNCIAS

PIERRE LÉVY (1998) - TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA - SLIDESHARE

REUVEN FEURESTEIN (1980) - ENRIQUECIMENTO INSTRUMENTAL: UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA MODIFICABILIDADE COGNITIVA.

DECLARAÇÃO DE MADRID (2002).

SASSAKI, ROMEU KAZUNI. -INCLUSÃO: CONSTRUINDO UMA SOCIEDADE PARA TODOS, 5° Ed. Cidade do Rio de Janeiro, Editora WVA, 1997.

UNESCO. DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVASESPECIAIS. BRASÍLIA: CORDE, 1994.

_____. Parâmetros Curriculares: Adaptações Curriculares - Estratégias para educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: MEC/SSEESP. 1994.

CAPÍTULO 6

A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO

Ana Paula Moreira Luz

RESUMO

Este livro trata de questões que irão relacionar a música ao desenvolvimento da criança. Inicialmente, será destacado o conceito de desenvolvimento de forma ampla, e não apenas os aspectos cognitivos, mas também os aspectos lingüísticos, motores, afetivos e sociais. São apresentadas reflexões a respeito do papel da música na educação infantil. Buscando encaminhar sugestões aos docentes envolvidos com a educação infantil, com o objetivo de oferecer subsídios para viabilização de um contato prazeroso, formativo e saudável para a criança, explicando o desenvolvimento da linguagem musical no contexto da educação, a fim de contribuir para a motivação pessoal e facilitar a integração do educando no contexto escolar. É importante ter a clareza de que este educador é responsável pela formação integral da criança e quanto maiores forem seus conhecimentos sobre todas as áreas do conhecimento, incluindo a música, maiores serão os benefícios para as crianças que estão sob sua responsabilidade educacional.

Palavras-Chave: Educador. Educação Musical. Educador Multidisciplinar.

ABSTRACT

This article deals with issues that will relate music to child development. Initially, the concept of development will be highlighted in a broad way, and not only the cognitive aspects, but also the linguistic, motor, affective and social aspects. Reflections on the role of music in early childhood education are presented. Seeking to forward suggestions to teachers involved with early childhood education, with the aim of offering subsidies to enable a pleasant, formative and healthy contact for the child, explaining the development of musical language in the context of education, in order to contribute to personal motivation and facilitate the student's integration into the school context. It is important to be clear that this educator is responsible for the integral formation of the child and the greater their knowledge of all areas of knowledge, including music, the greater the benefits for the children who are under their educational responsibility.

Keywords: Educator. Musical education. Multidisciplinary Educator.

INTRODUÇÃO

A música faz parte da história humana desde os tempos remotos. Há arqueólogos que acreditam que os homens primitivos utilizavam instrumentos musicais como tambores e flautas construídos através dos ossos e sempre usados para cultuar algum tipo de ritual.

[...] A música é uma das mais antigas e valiosas formas de expressão da humanidade e está sempre presente na vida das pessoas. Antes de Cristo, na Índia, China, Egito e Grécia já existiam uma rica tradição musical. [...] (FERNANDES, 2016, s.n.)

Conforme estudos de BEYER & KEBACH (2009), as atividades com música se tornam uma enorme janela de informações que ajudam no desenvolvimento da percepção, ritmo, atenção, além de promover atividades que desenvolvam habilidades visuais, motoras, físicas e psicológicas.

Segundo ILARI (2002), escutamos e nos acostumados com os sons desde o útero da mãe. Antes mesmo de poder ouvir os sons externos, o bebê ainda no útero está num ambiente cheio de estímulos sonoros: os batimentos cardíacos da mãe, de seu próprio cordão umbilical, dos movimentos de alguns órgãos trabalhando. As mães acariciam, os pais beijam, conversam com o bebe na barriga.

A presença da professora ou de um adulto é muito importante para as crianças, pois são momentos de troca e comunicação sonora, e que favorecem para o desenvolvimento afetivo e cognitivo. Fortalecem o vínculo e a confiança da criança na professora e em relação ao próprio ambiente escolar, assim a educadora sempre incentiva a produzir e fazer um som (BEYER & KEBACH, 2009).

A metodologia utilizada neste estudo é, em sua maior parte, de cunho bibliográfico e descritivo, embasada em fundamentações teóricas existentes sobre o tema. A fundamentação teórica deste estudo está baseada, principalmente, na bibliografia a seguir: BRITO (2003); Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998); FONTERRADA (2008); ROCHA (1992): Educação Musical: Método Willems.

(...) Sócrates - É, decerto, por esta razão, meu caro Glauco, que a educação musical é a parte principal da educação, porque o ritmo e a harmonia têm o grande poder de penetrar na alma e tocá-la fortemente, levando com eles a graça e cortejando-a, quando se foi bem educado. **Platão, trecho de A República**

A Educação Musical é um tema bastante amplo e que pode ser estudado e analisado a partir de diferentes óticas, de acordo com o objetivo ao qual o estudo se destina. Neste capítulo, a educação musical será tratada com relação à sua importância na formação do ser humano, com relação ao seu percurso histórico no Brasil e com relação à sua inserção na formação de professores multidisciplinares.

A música está presente desde os primórdios da civilização humana sendo uma das manifestações mais antigas. Foi na Grécia antiga que a música se aproximou da educação e da filosofia. Granja (2006) relata que a música ocupa um lugar tão importante quanto à filosofia e matemática na cultura grega. A música era considerada fundamental na educação e formação do homem grego e ultrapassava a dimensão estritamente sonora. Conforme as formas de pensamento foram surgindo, a educação musical na Grécia passou a ser parte também, além dos currículos, de discussões filosóficas. A

música passava a ser inserida em atividades relativas à cultura, à educação e ao conhecimento.

Segundo Granja, a música na sociedade pitagórica tinha a função de educar a percepção estética, pois o homem que era educado musicalmente desenvolvia naturalmente o senso estético. Granja comenta que Platão afirmava que a música era capaz de exercer grande influência sobre a alma e o caráter das pessoas e também contribuía na formação intelectual. (GRANJA, 2006, pp. 21, 22,30).

Na atualidade, muitas descobertas relacionadas à neurociência pesquisam e autenticam cientificamente os benefícios que a música provoca em conformidade com o desenvolvimento da qualidade de vida, sendo muitas vezes utilizada como uma ferramenta auxiliar no desenvolvimento educacional e em diversos tratamentos de recuperação da saúde mental e física, comprovando os benefícios que eram preconizados pelos gregos.

Estudos recentes de neurociência revelam que a música atua nas estruturas cerebrais e provocam alterações que poderiam explicar diferenças cerebrais entre músicos e não músicos, explicando também as sensações causadas pela audição musical, sinalizando caminhos, a partir de análises de alterações cerebrais, para o entendimento dos benefícios promovidos pela música (GRAIEB, 2008).

Para falar sobre a Educação Musical na formação do ser humano, nada melhor do que nos reportarmos a Edgar Willems, pedagogo musical que diz que os princípios vitais da música estão dentro do ser humano. Segundo ROCHA (1990), o método proposto por Willems enfatiza a

ligações da música com o ser humano e tem como um dos princípios básicos as relações psicológicas estabelecidas entre eles. Willems considera que elementos da música como ritmo, melodia e harmonia não são apenas elementos físicos e sim elementos da vida, estabelecendo uma estreita relação entre o pólo material e o pólo espiritual do ser humano. Ainda associam os três elementos fundamentais da música (ritmo, melodia e harmonia) a três funções humanas diferentes: vida fisiológica, vida afetiva e vida mental, respectivamente.

Portanto,

Estes princípios sobre as relações do ser humano com a música, defendidos por Willems, são um dos caminhos que apontam para o quanto a educação musical pode contribuir para a formação de seres humanos mais completos e com todas as suas potencialidades desenvolvidas, pois, através da educação musical, o indivíduo tem favorecido o seu impulso da vida interior, têm sua sensibilidade despertada e suas forças interiores equilibradas. (ROCHA, 1990, p.16-23)

Segundo Willems, as pedagogias de Educação Musical devem unir com sensatez os aspectos artísticos e científicos da música, a harmonia e o saber e a sensibilidade e a técnica e que estas pedagogias musicais devem ser norteadas por tendências psicológicas, que entendem o indivíduo como um ser único. (WILLEMS, 1961 *apud* ROCHA, 2009).

A educação musical, segundo Weigel (1988), favorece ao educando o desenvolvimento dos aspectos cognitivo-linguísticos, sócio afetivo, psicomotor e lógico matemático. Por conter em sua linguagem elementos citado anteriormente como ritmo melodia e harmonia, que estabelecem relações coma vida, estes aspectos educacionais são desenvolvidos naturalmente através de um trabalho de educação musical baseado em

métodos ativos¹. Ainda, segundo a autora, a educação musical pode despertar e refinar a sensibilidade do educando, desenvolver atenção, estimular a vontade e auxiliar a consolidar a ação educativa, contribuindo para a formação e equilíbrio da personalidade do mesmo (WEIGEL, 1988). Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI, a música possui uma linguagem própria a qual precisamos considerar:

- **Produção** – centrada na experimentação e na imitação, tendo como produtos musicais 13 a interpretação, a improvisação e a composição;
- **Apreciação** – percepção tanto dos sons e silêncios quanto das estruturas e organizações musicais, buscando desenvolver, por meio do prazer da escuta, a capacidade de observação, análise e reconhecimento;
- **Reflexão** – sobre questões referentes à organização, criação, produtos e produtores musicais.

O professor deve ser um mediador, introduzindo assim vivências e experiências que para que ocorra uma significação nas práticas não só musicais do indivíduo, mas também em diversas áreas de conhecimento do aluno. Não se espera que o professor seja um músico, bem afinado e dominante de todos os instrumentos, é claro que, se for agrega valores em suas práticas, porém basta apenas que seja investido em planejamento, pois para a criança não basta apenas ouvir o instrumento, ela precisa entender o que está sendo dito ou cantado, e quanto mais cedo é iniciado, mais cedo se torna capaz de compreender o mundo sonoro que está inserido.

Segundo os Parâmetros Curricular Nacional (PCN) de Artes, a música é um processo cultural referente às tradições de cada época. Porém é notório que os avanços tecnológicos principalmente na área da comunicação, vêm interferindo nas referências musicais da sociedade, pois uma vez que se tem acesso à tecnologia e conseqüentemente a internet, se alcança um contato com referenciais mundiais de diferentes tipos e gêneros diversos.

O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de Artes diz ainda que:

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula.

Na Educação Infantil as contribuições da música podem acontecer de diversas maneiras. Elencamos algumas possibilidades abaixo segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI).

Crianças de zero a três anos:

- Exploração, expressão e produção do silêncio e de sons com a voz, o corpo, o ambiente ao seu redor e materiais sonoros diversos.
- Interpretação de músicas e canções diversas.
- Participação em brincadeiras e jogos cantados e rítmicos.

Crianças de quatro a seis anos:

- Reconhecimento e utilização expressiva, em contextos musicais das diferentes características geradas pelo silêncio e pelos sons: altura (graves ou agudos), duração (curtos ou longos), intensidade (fracos ou fortes) e timbre (característica que distingue e “personaliza” cada som).

- Reconhecimento e utilização das variações de velocidade e densidade 16 na organização e realização de algumas produções musicais.
- Participação em jogos e brincadeiras que envolvam a dança e/ ou a improvisação musical.
- Repertório de canções para desenvolver memória musical.

CONCLUSÃO

Podemos então concluir que a música está presente na vida do ser humano desde o nascimento até a vida adulta, todos os sons do ambiente são música para os bebês. Música também está presente na cultura dos povos, nas crenças, danças e também nas brincadeiras. Ajudando assim os bebês a desenvolverem seus movimentos, a linguagem, a sociabilidade, além de trazer calma. Isso faz com que a música deva ser utilizada nas escolas infantis, para auxiliar num desenvolvimento mais rápido e mais eficaz das crianças.

Na educação infantil, as músicas são por muitas vezes utilizadas para criar hábitos nas crianças, como lavar as mãos, hora do lanche, entre outros, e isso auxilia e favorece a educação saudável da criança.

Além de estimular a sociabilidade, a música também favorece o estímulo rítmico da criança, que desenvolve uma linguagem corporal para expressar a música que ouve.

Por tudo isso a música deve ser utilizada para contribuir no desenvolvimento da criança, tanto intelectualmente quanto fisicamente. Devem ser utilizadas músicas com ritmos fáceis de acompanhar com palmas, gestos e expressões corporais, para que a criança possa desenvolver suas capacidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Referencial Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998 vol. 3.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais, Artes. Ministério da Educação, Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRÉSCIA, V. L. P. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

CUNHA, Susana Rangel V. (org) Cor, som e movimento - a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Ed. Mediação, 3ª. Ed. Porto Alegre. 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

3

3 anos, 83

4

4 a 6 anos, 83

8

8 anos, 83

A

abuso sexual., 39
acompanhamento, 20
adulto, 27
afetividade, 52
Afetividade, 72
afeto, 77
aléxica, 22
alfabetização, 26
Alfabetização, 11
amassar, 43
ambiente, 35
ambientes escolares, 37
amizade, 52
amor, 52, 65
angústias, 39
Anos Iniciais, 54
ânsias, 48
aprender, 45
aprendizado, 74
aprendizagem, 13
Art. 29, 38
artes, 42
Artes, 113
aspectos lingüísticos, 106
aspectos orgânicos, 27
assegura, 92

assistencialista, 83
atenção, 77, 81
audição, 45
aulas, 66
autoconfiança, 40
autoconhecimento, 44
autodisciplinado, 46
autoestima, 22
autonomia, 81

B

baixo desempenho, 21
bebê, 45
beber, 84
bebês, 85
berço, 41
brincadeiras, 39, 86
brincar, 37
Brincar, 35

C

cantiga, 43
capacidade, 85
carente, 72
cidadão, 56
cognição, 58
comer, 84
compromisso, 65
comunidade, 72
conceitos, 103
confiança, 52
conflitos, 57
conhecer, 37
conhecimento, 24, 81
conhecimento prévio, 14
conquista, 70
conscientização, 55, 76
constituição, 81
construção, 35, 72

contato, 113
Contos, 41
conviver, 37
cooperação, 45
cores, 42, 43
cozinha, 84
creches, 37
crianças, 14
criar, 81
criatividade, 35
cuidar, 84
cultuar, 108
cultura grega, 109

D

dedicação, 65
déficit de atenção, 23
depressão, 23
descobrir, 81
desejos, 48
desenhar, 43
desenvolvimento, 28, 106
desenvolvimento individual, 98
diálogo, 66
dificuldade, 72
dificuldades, 21
dilexiadisfonética, 22
dinâmica, 81
Discriminação, 25
diseidética, 22
disfunção neurológica, 22
disfunção neuropsiquiatra, 22
dislexia, 22
dislexia mista, 22
distúrbios, 16
dores, 39
dormir, 84

E

Educação Infantil, 35
educador, 30
eixo norteador, 74
emancipação, 18
emocional, 35
emoções, 42
empatia, 65
equilíbrio, 44

equipe, 29
escola, 17
escrita, 13
especialistas, 14
Estágio, 54
etapas, 35
excluídos, 98
Experiência, 35
explorar, 37
expressão corporal, 44
expressar, 37

F

falhas, 103
família, 94
fantasia, 39
filosofia, 109
formação, 35
formas, 42
fórmulas, 70
fracasso, 16

G

gêneros, 113
generosidade, 52

H

humor, 86

I

imaginação, 39
imaginário, 45
inclusão, 30
infância, 35
inflexível, 54
influenciar, 66
instrumento, 39, 72
instrumentos, 108
integrado, 94
inteligências, 13
interação, 25
interface, 95
internet, 113
interpretação, 112

Interpretação, 113
intervenção, 13, 17
intimidade, 69

L

LDB, 38
lei, 37
Lei de Diretrizes Básicas, 38
leitura, 13, 22
lendas, 41
liberdade, 35
limites, 78
limpar, 84
limpeza, 84
lúdico, 35

M

matemática, 70
maturação biológica, 25
mediador, 52, 57, 112
Memória, 26
mental, 35
modelo social, 97
MUSICALIZAÇÃO, 105

N

não-aprendizagem, 15
nascimento, 37
necessidades, 71
neurociência, 110

O

obrigações, 84
obstáculos, 18
olfato, 45
operações concretas, 60
operações formais, 60

P

paladar, 45
paradigma, 97
participar, 37
pedagógico de jogos, 40
pintura, 43

Platão, 110
Praxias orofaciais, 26
pré- conceitos, 45
pré-escolas, 37
preocupação, 72
pré-operatório, 60
professor, 13
protagonista, 66
psicólogos, 54
Psicopedagogia, 11, 17
Psicopedagogia curativa, 17
psicopedagogos, 54
público, 37

R

rabiscar, 43
rasgar, 43
realidade, 28, 81
reflexão, 73
relacionamentos, 42
respeito, 52, 65
resultados, 103
rituais, 86

S

sala de aula, 22
sensibilidade, 65
sensório-motor, 60
silêncio, 113
sociedade, 35
sociopolítica, 17
solidariedade, 52
sons, 42

T

tato, 45
texturas, 42, 43
tintas, 43
trabalhar, 70
trabalho, 21
trabalhos manuais, 46
trajetória, 35
transformações, 42
trocar de roupa, 84
turmas, 66

U

universo, 27

V

ventre, 77

vida sensorial, 40

visão, 45

voz, 113

